

Revista LiteraLivre

Literatura com Liberdade

Edição 01 - Janeiro de 2017



Edição 01 – Janeiro de 2017

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa:
Digital Letter Soup – Juan Tello - https://www.flickr.com/photos/junctions/2938598874/

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.

Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Editorial

Tenho o prazer de apresentar a primeira edição da *Revista LiteraLivre*, uma publicação independente criada para unir escritores de todos os lugares, em seus mais diversos estilos e gêneros, num encontro eclético e livre de qualquer censura temática, onde autores editados ou não tem a mesma oportunidade de mostrar seus trabalhos.

Outras publicações do gênero criam critérios absurdos de aceitação, cobram e até enganam os escritores com falsas promessas; nossa proposta é divulgar a Língua Portuguesa e seus autores, com participação e distribuição gratuita para autores e leitores de todo o mundo.

A revista é totalmente digital e ecológica, inspirada numa publicação de muito sucesso, a *Revista Varal do Brasil*, que por sete anos foi estendida primeiramente entre o Brasil e a Suíça e depois ganhou os cinco continentes. Participei desta revista por quatro anos com a *"Coluna CULTíssimo"* (*especializada em cinema e universo cult e que poderá ser conferida aqui em sua nova casa*) e obtive um retorno nunca imaginado em meus mais loucos sonhos. Com o encerramento de suas atividades, resolvi assumir a missão e criei a *Revista LiteraLivre,* que já começa muito bem, reunindo artistas de todo o Brasil e também de Portugal, Itália e E.U.A..

Nosso lema é: "*Literatura com Liberdade*"

Quero agradecer e parabenizar a todos os escritores que foram selecionados e agora estão aqui conosco nesta jornada literária; aos 212 que se inscreveram (peço que não desistam e continuem enviando seus trabalhos, prestando maior atenção ao regulamento) e a todos os leitores que nos darão a honra de ler a revista e também passarão a fazer parte desta história, unidos pelo amor a Literatura e a Língua Portuguesa.

Tenham todos uma excelente leitura e em março tem mais!!!

"Dedico este primeiro número a escritora e grande amiga Jacqueline Aisenman, criadora da Revista Varal do Brasil, que me estendeu pelo mundo em seu varal e me ensinou o caminho para a verdadeira literatura, muito obrigada, Jacqueline!!"

Ana Rosenrot
Editora- chefe

Neste Número:

Não percam a próxima edição!!
Os selecionados neste número também podem enviar novos textos, todos são bem-vindos!!
a participação é **GRATUITA**!!

Envie seus textos para:

revistaliteralivre@yahoo.com



Já estão abertas as inscrições para a 2ª Edição da Revista LiteraLivre.

A revista será publicada na segunda quinzena de março.

Acesse nosso site, leia o regulamento e envie seu texto!

O prazo para recebimento é até 20/02.

http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Marcha Das Mulheres - Uma Marcha Pelo Direito De Todas E Todos

Texto: Ana Rosenrot

Fotos: Flavia Salama – Nova Yorque, U.S.A.

A Marcha das Mulheres reuniu mais de 2 milhões de pessoas no dia 21 de janeiro, em várias cidades americanas, num ambiente de paz e companheirismo, onde mulheres e homens de todas as idades, cores, raças, religiões e origens, viajaram de todos os pontos dos Estados Unidos e até de outros países para participar desta marcha que além de protestar contra os ideais retrógrados do novo presidente Trump, protesta contra o aumento da violência em geral e contra a mulher, a crescente ameaça aos direitos civis dos negros e da população LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). A documentarista Flavia Salama registrou o momento com fotos exclusivas da marcha em Nova Yorque, confiram:







STOP TRYING TO MAKE FASCISM HAPPEN
NOT A POLITICAL BATTLEGROUND!
WORK
FIGHT LIKE A GIRL
65,855,610



I'm with Her
IMPEACH PUTIN'S PUPPET



SCIENCE and REASON MATTER



YES WE CAN!
YES WE DID!
YES WE WILL!
#WHY I MARCH
LOVE
RESPECT
& YOU



CULTíssimo

Ana Rosenrot



Coluna CULTíssimo

Um dos primeiros indícios da extinção de uma raça é a incapacidade de se reproduzir, ao longo dos anos, devido a destruição do meio ambiente, o desmatamento, a caça predatória, os despejos químicos e o crescimento desenfreado das cidades, centenas de animais e plantas foram extintos. Mas e se o mesmo acontecesse com os seres humanos? A cada dia se descobrem novos vírus e bactérias que vão afetando os genes e deixando graves sequelas; a infertilidade é uma delas. Já imaginaram como seria sombrio e sem propósito um futuro sem crianças? Sem bebês, sem a vivacidade infantil, sem novas mães, sem amanhã?

Em ***"Filhos da Esperança"***, dirigido com perfeição pelo diretor mexicano "Alfonso Cuarón" (Gravidade, Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban) essa é a realidade do mundo em 2027, onde o ser humano mais jovem acaba de falecer aos 18 anos, causando consternação num mundo devastado pela violência, as guerras e a miséria, numa Inglaterra de caos e desigualdade. É nesse futuro onde a humanidade vislumbra sua breve extinção, que vive "Theodore Faron" (Clive Owen), o "Theo" ,como é conhecido, ex-ativista e agora burocrata, um homem desiludido e devastado pela morte do filho; que ao voltar para casa cansado da hipocrisia gerada pela mídia devido a morte do último jovem da Terra, é sequestrado por um grupo de

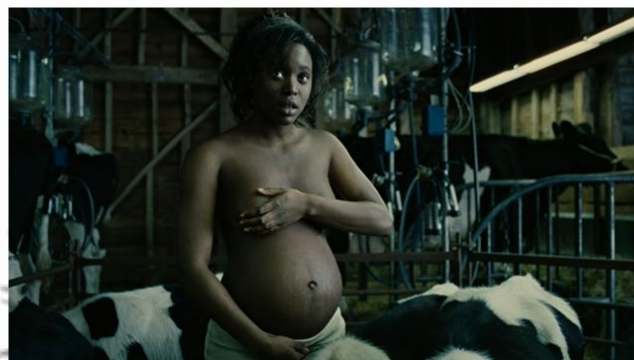
ativistas e levado para um galpão onde encontra sua ex-esposa “Julian” (Julianne Moore); ela então pede sua ajuda para cumprir uma missão de vital importância: transportar a jovem Kee (Claire-Hope Ashitey), uma imigrante ilegal, até a sede do “Projeto Humano”, onde são realizadas pesquisas para descobrir a causa da misteriosa infertilidade. Theo se recusa, não querendo se envolver, mas ao descobrir que Kee está grávida ele aceita o desafio, tornando-se responsável pela garota e uma parteira que a acompanha, passando a ser perseguido pela polícia e por um grupo de ativistas rivais que querem usar o bebê para obter poder político e serão capazes de tudo para impedir Kee de chegar a seu destino. O Futuro da humanidade está agora nas mãos de Theo.

Adaptado do livro *“The Children Of Men”*, da escritora britânica *“P. D. James”*, obra considerada distópica em seu lançamento, mas incrivelmente atual em mostrar o crescente declínio da sociedade, ***“Filhos da Esperança”*** é um filme atraente em vários sentidos, possuindo grandes *“planos de sequência”* (plano que registra a ação de uma sequência inteira, sem cortes), que criam uma intensa relação entre o filme e o expectador, nos colocando como uma terceira pessoa no enredo e nos vemos envolvidos na história, vivenciando a realidade de uma Londres suja e deprimente, onde as escolas estão abandonadas, as pessoas vivem em guetos imundos, ou recolhidos em campos de concentração e a vida humana que deveria ser mais do que nunca preservada, não tem nenhum valor; uma realidade sem esperança, onde o caos impera devido a crescente escassez de recursos.

Com muita ação, emoção e realismo, esta é uma obra indispensável que nos faz questionar sobre futuro do nosso planeta, a valorização da vida humana como um todo, o limite dos recursos da Terra, o que está sendo realmente feito e o que podemos fazer, para que o futuro dos nossos filhos e netos esteja garantido.

Se ainda não viu, veja este filme incrível, que nos convida a pensar e a agir, pois o amanhã depende de nós.

Nos vemos num futuro próximo!!

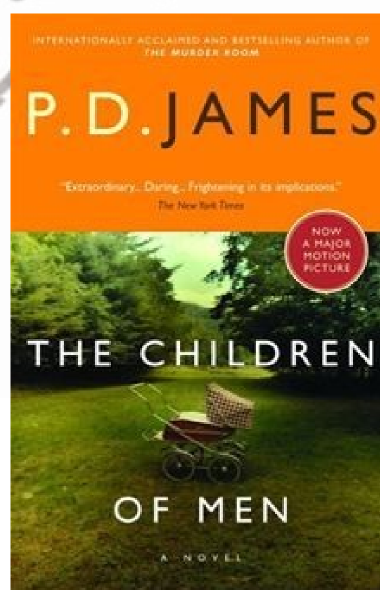




Sinopse: ***"Filhos da Esperança"(Children of Man – 2006 – E.U.A, Reino Unido.*** O ano é 2027. Não se sabe o motivo, mas as mulheres não conseguem mais engravidar. O mais novo ser humano morreu aos 18 anos e a humanidade discute seriamente a possibilidade de extinção. Theodore Faron (Clive Owen) é um ex-ativista desiludido que se tornou um burocrata e que vive em uma Londres arrasada pela violência e pelas seitas nacionalistas em guerra. Procurado por sua ex-esposa Julian (Julianne Moore), Theodore é apresentado a uma jovem que misteriosamente está grávida. Eles passam a protegê-la a qualquer custo, por acreditar que a criança por vir seja a salvação da humanidade.
Gêneros: Ficção-Científica, Suspense, Drama – **Classificação:** 14 anos.







Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br
https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot

A dona do verbo

Francine S. C. Camargo
Vinhedo-SP

Era uma vez uma garotinha que não se fazia entender por palavras. Isso mesmo. Emitia o som em porte adequado, desfrutava de acertado vocabulário, pronunciava-se em relação a qualquer assunto, falava mesmo pelos cotovelos e discutia, muitas vezes, com a própria imagem ao espelho. Mas, curiosamente e ninguém sabia explicar o porquê, não se podia compreender o que ela dizia, por maior que fosse o seu entusiasmo ou a disposição e empenho do interlocutor.

Apesar desse detalhe quase irrelevante da falta de comunicação, ela continuava senhora de si e expressava-se da maneira como conseguia. Experimentava verdadeira paixão pelos vocábulos, enxergava letras no ar e tentava apanhá-las, em fantasia, para formar seu nome. É fato que preferia o A e o M, tinha certo medo do Z e do H e ria-se toda quando o I ensaiava sair de sua boca.

Complicado era decifrá-la quando seus olhinhos aflitos algo solicitavam, quando esperava por uma resposta. Chorava um pouquinho, mas em seguida, novamente um turbilhão de frases saía de si, para talvez um dia fazer sentido.

Muitas vezes, solicitou à mãe que comprasse a ela uma nova voz ou algum chá de entendimento no mercado, na loja da esquina, no centro da cidade, na loja online da China. Não era possível, em algum lugar deveria haver a sua solução em troca de algumas moedas! Mas sua mãe não achava em parte alguma.

Até que em um dia, a menininha se enfastiou e resolveu parar de falar, se é que de fala podemos chamar a sua constante tentativa frustrada de conversação. Cerrou os lábios, cruzou os braços e negou-se a ser a pseudo-tagarela de antes. Todos,

obviamente, estranharam esse comportamento de resistência e aprisionamento de si mesma. Porque, ao não se importar mais em se fazer ouvir, ninguém mais sabia como acessá-la.

Os dias se tornaram mais silenciosos, solitários e menos inesperados. Perdeu-se o decifrar e até o humor encoberto que pairava ao redor daquelas palavras ininteligíveis. E eis que o mundo que a cercava calou-se junto com a garota.

Silêncio. Silêncio. Silêncio. Não, assim, já era demais! Tudo bem ela não falar, mas ninguém mais??? Não, isso não estava certo. Foi o que ela pensou ao olhar para cima, para os lados, para frente e para trás e enxergar todos tão aborrecidos, lastimando a transformação da criança, de barulhenta para taciturna.

– Ei, vocês! Parem com isso! Ninguém mais vai conversar comigo?

Silêncio. Silêncio. Silêncio.

– Ora bolas! Como se fizesse algum sentido o que estou dizendo!

Os rostos e expressões de todos próximos a ela denunciavam: o que fluía dela tinha sentido sim. Naquela hora, a menininha sem palavras dava lugar à chefe interina das orações e não havia pessoa no mundo que não distinguisse cada letrinha de suas sentenças.

E eis que, desse dia em diante, qualquer um, vindo inclusive de terras distantes, vinha curvar-se diante dela e ouvir o que a voz mágica da pequena dona do verbo tinha a manifestar.

https://papodefran.com/



A MULHER DO GPS

Andréa Gustmann Gomes

Pomerode/SC

O homem nunca recebe bem alguma sugestão vinda de uma mulher, a menos que ela seja sua mãe ou a mulher do GPS. Essa é a mais pura verdade. E não tente dar um conselho se você não estiver exatamente nessa condição, pois ele fará tudo diferente só para mostrar que você não está certa.

E antes que diga: "eu te disse!", ele a surpreenderá com artifícios a fim de lhe atribuir responsabilidade. Coisas que nem ele mesmo acredita, como as vibrações da mulher diante das situações. Porém, e vale ressaltar que sempre existirá um porém, neste momento, sua positividade estará em jogo.

Eu fiz um teste. Liguei para o meu marido hoje pela manhã e francamente, acho que conversei com ele por aproximadamente uns três minutos. De repente, eu lhe perguntei o que ele achava sobre o que estávamos falando e ele me respondeu: "hã?".

O "hã?" é um caso clássico de "não ouvi nada do que você disse e você está perdendo o seu tempo tentando me convencer que este assunto é interessante". Isso é o que eu chamo de falar no vazio. Mas não é sempre assim e tudo ainda pode piorar. Você poderá repreendê-lo e brigar com ele como eu fiz em seguida, mas não se surpreenda se ficar desapontada! Há uma grande possibilidade de acontecer.

Depois de um ou outro desaforo ele me disse calmamente: "Você pode me ligar mais tarde porque agora eu vou entrar no elevador?" Daí eu disse: "hã?" e a ligação caiu. É realmente incrível como o universo conspira para manter a união entre os casais.

Nós mulheres achamos mesmo que temos a razão em tudo, toda hora e o tempo todo. Mas quando não é assim? Desde que o mundo é mundo, todas as pessoas sabem que a mulher é cheia de sabedoria e de muitas verdades. A mulher tem certeza de que a verdade é aquela na qual acredita e de que suas verdades são sempre inquestionáveis.

E falando em verdade, a verdade é que o sonho de toda mulher passou a ser aquela voz macia, hipnotizante e firme da mulher do GPS. Quanto será que elas ganham? Confesso que para mandar em todos os homens do mundo, eu não cobraria absolutamente nada. Trabalharia de graça. Esse seria um daqueles trabalhos voluntários que faria mais por gosto e crença do que pelo uso da razão. Conhecendo minhas amigas, acredito que seriam formados exércitos bem atuantes e organizados.

Eu estava pensando sobre o funcionamento e a lógica do processo de obediência e cheguei à seguinte conclusão: nós mulheres precisamos ser mais claras quando fazemos solicitações. Convenhamos, isso realmente não costuma acontecer e é este o nosso grande mal. Damos voltas e voltas para chegar aonde realmente queremos. Isso cansa os homens, tendo em vista sua grande habilidade em ir direto ao ponto e chocar o público feminino com tamanha franqueza.

E quando um homem perguntar a mesma coisa pela milésima vez, seria muito interessante se as mulheres pudessem apertar o botão "fazer cara de paisagem com voz doce e aveludada".

Talvez se uma mulher chegar para um homem e disser sorrindo: “Siga em frente, dobre à direita, vire à esquerda, abra a porta, terceira gaveta de cima para baixo e puxe”, dessa forma, quem sabe assim, um homem conseguirá localizar suas cuecas no armário.

O melhor mesmo é parar por aqui, pois há algo muito misterioso no som das gravações, tendo em vista que até o mais apático dos homens se sentirá tentado em responder a voz da mulher da cancela.

E antes que me perguntem sobre a tentativa de se parecer com a sogra, já adianto que essa não é uma boa escolha. As que optaram por isso ganharam filhos crescidos que competem em atenção até com o peixinho do aquário. Cara de paisagem e voz de GPS dá mais certo!



A NATUREZA DO AMOR

Alexandra Torres – Lisboa – Portugal

a intempérie levou-o dela na agitação do mar
durante anos viajou, navegou na tempestade,
sempre constante de encontro àquele olhar
nem a fadiga, a incerteza ou o vento o desviou
mesmo perdido nas longas horas do navegar
a bússola mareava em todo o tempo o coração
para ele era certo que a haveria de encontrar
numa luta entre forças, o homem ou a natureza,
poderia não vencer mas nunca deixaria de amar

https://pt-pt.facebook.com/Alexandra-Torres-376061572511373/



Afeição

Lis Dianna - Cabo-frio/Rio de Janeiro

Faz um tempo que eu não vejo mais a senhora do ônibus. É uma senhorinha baixinha, risonha e bastante tagarela, ela sempre procura sentar ao lado de alguém para puxar algum assunto.

Dia desses ela sentou ao meu lado e começou a falar da novela e do seu esposo que a perturbava pra comprar todos os dias ameixas secas, que ele adorava._ Olha que homem chato. Cisma de comer essa porcaria. Você já viu isso? Eu detesto ameixa quanto mais seca!

Tão distraída e com mil problemas na cabeça eu estava que nem percebia a velhinha falar. Então ela me diz:_ Filha esta calada hoje. O que esta havendo, hein?_ Imagina eu sempre sou quieta. Não é nada. Eu digo a senhorinha que me olha bem dentro dos olhos, realmente não costumo conversar muito e no ônibus eu gosto mesmo é de ler já que a viagem é maçante, mas aquela senhora conseguia fazer eu fechar o livro e começar sempre uma nova conversa ali. Não sei o que ela tinha, mas algo nela me comovia, talvez fosse seu bom humor ou quem sabe seu mal humor. Porém nesse dia estava com uma dor de cabeça horrível resultado de um dia complicado no trabalho e uma discussão com meu chefe. Ela não insistiu em prosseguir enquanto eu apenas sorria.

De repente ela abre a sacola e como sempre me entrega um monte de balas de caramelo, minhas balas preferidas. Agradeci. Aquela senhora conseguia sempre melhorar meu dia, na terceira bala a dor de cabeça já nem mais existia. Ela logo desceu do ônibus e eu nunca mais a vi.

Outro dia sentada no ônibus ouço então o cobrador falando sobre a senhora tagarela, ele falava com uma mulher que perguntara por ela, certamente uma de suas “admiradoras’’.

_ Ela mora na rua ao lado do ponto. Minha namorada é vizinha dela. Faz uns dias que o marido dela morreu. Disfarçadamente eu passo para o banco da frente, assim ouço melhor a conversa._ Ele vivia em cima da cama estava bem velhinho, eu o conheci. Parece que já não andava mais e nem falava. Eles não tinham ninguém além deles. Ela fazia tudo por ele, mas era muito sozinha. Minha namorada disse que ela se mudou. Mas ninguém sabe pra onde.

Logo depois disso eu entendi porque ela entrava naquele ônibus todos os dias apenas para conversar. Talvez fosse a única forma dela se distrair. Talvez fosse a única forma de ela ter alguém pra ouvir suas histórias e distribuir seu afeto. Onde estaria ela agora? Senti um aperto no peito em saber que não a veria mais entrar naquele ônibus implicando com o motorista. Lembrei-me daquele dia que eu não quis conversar. Se soubesse que a senhorinha engraçada não estaria mais ali eu juro que passaria do meu ponto e pediria pra ela ficar ali até darmos uma volta inteira pela cidade. Eu e a senhorinha com minhas deliciosas balas de caramelo.



Aí eu fiquei sem esse filho

Carla Bessa
Berlim/ Rio de Janeiro

(Tira a galinha do congelador e põe no micro-ondas. Passa a água que tinha acabado de ferver na garrafa térmica, põe o porta-filtro sobre a boca da garrafa, põe o filtro no porta-filtro e o pó dentro, cinco colheres de sopa rasas)

Depois eu tive: meus filhos, eu tive: meus sete filhos, quer dizer: seis. Porque: esse que mataram eu nem nunca criei ele não. Eu só: cuidei dele no primeiro mês, aí o pai dele: roubou ele de mim, o pai: sequestrou o garoto.

(Deixa a água fervida escorrer devagar sobre o pó de café até encher o filtro. Para, espera até a água descer. O micro-ondas apita. Ela anda com a chaleira na mão e aperta o botão do micro-ondas que faz abrir a porta. Faz menção de tirar a galinha, mas desiste, pois só tem uma mão livre)

Ele me bateu. Eu tenho isso aqui no meu rosto, ó, meio quebrado: foi ele. Pois é, é por isso que eu tenho o rosto meio assim, meio: deformado, né, se você olhar bem.

(Põe mais água sobre o pó, para, espera)

Ele roubou meu filho, eu: dei queixa. Então: foi a mãe dele que ficou com o meu garoto. Ele e a mãe criaram o garoto, mas: não me deixavam visitar. Aí eu pus: na justiça de novo e: ganhei o direito de ver o meu filho. Eu: ganhei um direito que era meu.

(Recoloca a chaleira sobre a boca ainda acesa do fogão. Tira a bisnaga da cesta de pão, coloca sobre a mesa, junto com a manteiga Itambé e o queijo minas Frescal. A água ferve novamente. Põe mais água no pó de café)

A mãe dele: trazia. Uma vez ou outra. Depois o garoto foi: crescendo, crescendo. E puseram o menino pra trabalhar de vendedor ambulante. O garoto andava: sujo: imundo: fedorento: largado. Acabou: saindo do colégio, fugiu. Então eu: falei com a professora e ele pôde: ficar lá, estudando mais um tempo.

Aí fugiu. E passou um tempão fora e virou adulto e voltou com uma mulher e inventaram de morar lá perto de casa.

(Nota que a garrafa térmica está cheia. Tira o porta-filtros e põe dentro da pia. No meio do caminho, pinga café sobre o braço e “ai, merda!” Fecha a garrafa térmica e trás para a mesa. Abre de novo e me serve de café, pergunta “quer leite?”, eu digo, “quero”. Me serve de leite e se serve de café, leite e – ia pegar o açúcar, mas muda de ideia, balança a cabeça, decide-se pelo adoçante, Zero Cal.)

Mas, deixa eu: voltar pra trás um pouco. Na época que o pai pegou o garoto pra criar com a vó, eles: não deixavam eu visitar, né, não deixavam: nem falar comigo. E o dia que a gente se encontrava e ele falava comigo ou me dava a benção, aí ele: levava porrada. Só porque tinha falado comigo, porrada de adulto, eles: machucavam o garoto todinho.

(Passa manteiga na bisnaga que ainda está quente, a manteiga derrete um pouco, ela passa a ponta da língua na borda da bisnaga para evitar pingar manteiga na toalha da mesa. Dá uma mordida no pão que segura com a mão direita, a esquerda deixa em baixo em forma de concha para amparar eventuais pingos e migalhas. As migalhas ela joga na boca ainda aberta da mordida e mastiga e engole tudo. Come com apetite, dando goles largos no seu café com leite, que sopra entre uma coisa e outra)

Aí fugiu. E apareceu com essa mulher e inventou de morar lá perto de casa. Mas nisso só: andava em parada errada porque: a mulher que ele arrumou era dessas coisas, era: das drogas. Ele: caiu nessa bagunça aí. Eu só sei que a mulher, eu não sei o que houve lá, mas a mulher: arrumou uma tramoia com dois primos e uns colega dela e mandou: matar ele. Dentro de casa. Mataram ele em casa. Enquanto estava dormindo. Pegaram: uma pedra enorme assim, ó, e: jogaram em cima dele. Depois ainda deram: um monte de tiro por cima, os cara lá: mataram ele lá mesmo: dormindo em casa.

(Pousa a xícara no pires e o pão do ladinho. Limpa a boca com as costas da mão direita)

Aí eu fiquei sem esse filho.



ALFORRIA

Ricardo Mainieri (Dico) - Porto Alegre/RS

prisioneiro
de um enredo antigo
não fui protagonista

somente espectador
de minha própria vida

cenas aconteciam
e via apenas a sombra
de sonhos & pesadelos

espelhos
da mente indecisa

depois de anos
de semiescuridão
agora obtenho alforria

recupero força &
energia

& muito mais.

http://www.mainieri.blogspot.com

Ca fé café

Leox Hurt - São Paulo-SP

Café me da energia,
Ca fé sigo meu caminho,
Doce café que me acompanha,
Ca fé todos dias me levanto,

Ca fé em mim,
Ca fé que amanhã será um dia melhor,
Ca fé em meu café mais uma xícara se vai,
E o gosto amargo fica em minha boca,

Ca fé o amargo se transformará em doce,
Ca fé que o ódio se transforme em amor,
Tomo mais uma xícara de café.

https://www.facebook.com/sussurosdeumsonhador/



CAFÉ & POESIA

Leandro Martins de Jesus
Itapetinga-BA

O sabor do café

De aroma adocicado

Aquece o poema

Lido em alegria

Em uma sala vazia

Cheia de sentimentos...

A xícara pura

Com a borra ao fundo

Como folha manchada a tinta

Tem sentidos escondidos

Nas entrelinhas

E a cada gole lido

Do poema – café adocicado

Deixa o leitor extasiado

Efeito cafeína.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/leandromj

Conto Tirado de um Poema

Tiago Feijó

Guaratinguetá/SP

"João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da
[Babilônia num barracão sem número"

Poema tirado de uma notícia de jornal,
Manuel Bandeira.

João Gostoso desce as vielas íngremes e irregulares do morro da Babilônia. À sua frente, sob o anoitecendo do céu, pululam as luzes de Copacabana; luzes estas que João não vê, ou vê mas não repara, posto que em seus olhos fixa-se agora a lembrança de outras luzes. As luzes de Ritinha, sorrisonha, metida numa abundância de plumas e brilhos, a devassar o desejo dos homens no furdúncio do carnaval. Carregador de feira-livre, o árduo trabalho dos braços esculpiu no corpo negro de João muitas saliências de músculos e fez brotar nele a força desumana da ressaca das marés. Mas esse corpo, bruto tronco robusto de ébano, é casca falsa que envolve um homem pacífico, erguido em bondades, de mãos de trabalho e carícia. João Gostoso desce o morro, indistinto nos recantos de escuridão, levando na caixa do pensamento a mulata Ritinha, cravo cravado na carne de seu amor, ferida funda que não sabe cicatrizar, envolta nas brumas de um antigo carnaval. Em pouco, João pisa na Avenida Atlântica e se dá conta do mar, um mar de desilusão, e o rumor das vagas enche de mágoas o corpo colosso de João. Mas ele continua a caminhar, visto que tem destino certo de chegada e que o mar, posto assim nos olhos, é como um novo jeito de se afogar. E por agora João quer viver, viver e sofrer as dores inventadas para ele, que todo homem tem lá o seu quinhão e carregá-lo é questão de honra.

Copacabana é uma festa, riqueza sem fim. Gente vestida de claridade, rindo aos trambolhos, saltando de carros lustrosos e exalando perfumes de línguas estrangeiras. João pensa na alegria dessa gente, nas suas soltas gargalhadas, habitantes de altos edifícios, com o extenso mar emoldurado nas vidraças de suas janelas. Tão diferente dele, essa gente. Eles que não suspeitam da sua fome incurável, do seu perfume de feira, de fruta, da sua roupa puída, do seu barracão sem endereço perdido na barafunda da

Babilônia. Cresce em João um asco por essa gente, porque foi o dinheiro deles que comprou a sua única riqueza, o seu bem mais valioso. Foi o dinheiro deles que levou de João a sua paz. João caminha apressado porque o samba não é afeito a esperar. Já no Arpoador, as espumas das ondas fazem João recordar a brancura das plumas de Ritinha no distante carnaval em que se conheceram. Ela, corpo em sarabanda, tremelicando as trigueiras ancas, abria em seu redor um círculo de admiração. Ele, estacado no meio da multidão, o sangue assanhado, tinha os olhos enfeitiçados pelos sortilégios da mulata que parecia levitar no centro do carnaval. Enfeitiçado, nem percebeu quando a moça passou a sambar em seu derredor, circunavegando seu corpo, ilha de prazer, ele, o escolhido, o eleito, terra selvagem a ser desbravada. E, no delírio do carnaval, os olhos de um dizendo aos olhos do outro o desejo de seus corpos. E João foi rei, e João foi estrela, e João foi madeira de fogueira. E João conheceu finalmente o amor...

Agora, emaranhado nas ruas de Ipanema, com seu teto de folhagens, João pensa ouvir os batuques do samba de outrora, os mesmos batuques que o conduziram aos braços cheirosos de Ritinha naquele feliz carnaval de sua vida, o único carnaval do qual consegue se lembrar, como se a tal festa da carne não houvesse ocorrido senão uma única vez. Mais adiante, João compreende que a batucada não vem do antigamente, mas que retumba no presente, ecoando na estrangulada noite do agora. E enfim João vislumbra, lançado no meio da rua, um facho de luz expulso do bar Vinte de Novembro, seu destino e seu fim. É de lá que pulsa o sangue do samba.

O bar está em polvorosa, com grande azáfama de gentes. O samba, no seu compasso cardíaco, perverte as pessoas, instala nelas um assanhamento de fogo, de labareda, bulindo com elas por dentro, afrouxando nervos e músculos, libertando dos corpos a malícia da carne. E muita pele suada de mulata procura no corpo de João o seu cais, o seu desvelo, o seu descanso. E muito braço de homem, risonho de safadezas, aperta o amigo João, abraça o parceiro João. E muita boca de birita, melada de embriaguez, despeja na orelha de João manhas e promessas de mulheres e camas. E os copos tilintam, erguidos na luxúria do brinde. E o samba cresce, imenso, enorme, poderoso, grassando de perna em perna a volúpia do seu veneno. João finalmente está entre os seus. E entre os seus, João bebe, João canta, João dança, sem que ninguém perceba a sua amargura infindável, a sua solidão medonha, abismo tão negro quanto a

sua pele, a sua tristeza de pedra, inabalável, presentes ofertados pela mão da mulata Ritinha ao abandoná-lo na espessura das trevas. E a noite de então é a noite de João!

Tudo tem seu fim: o amor tem seu fim, a noite tem seu fim, o samba tem seu fim. E agora, após o rebuliço das pernas e o delírio dos copos, João Gostoso caminha sozinho e atordoado na madrugada em declínio. Da banda do mar, um clarão anuncia o parto da manhã de um dia azul. E João, homem feito de amor e desesperança, sem saber um jeito de esquecer, não faz outra coisa senão recordar... Ela, que já não tem mais nome; ela, que já não tem mais corpo; ela, que já não tem mais voz... Ela, que agora, neste agora de João, é apenas aquela que, em noite nefasta, ele viu descer de dentro de um luxuoso carro branco, brilhante, como aqueles de Copacabana, toda ela vestida de claridade, de anel reluzente no dedo, nos braços de um homem que a beijava e a cobria com mãos de desejos. Aquilo foi como uma faca no coração de João! Depois, as palavras dela queimando como brasa a pele de João: “João, você me desculpa? Você é o homem mais bonito desse mundo, João! Mas você é ninguém e eu nasci pra ser rainha!” João nunca mais viu Ritinha, que foi embora viver seu sonho de rainha. Afundado num tempo de angústias, João sobreviveu e se esqueceu do homem, do luxuoso carro branco e das palavras de brasa sopradas pela boca de Ritinha. Mas não pôde se esquecer dela, não soube se esquecer dela. E Ritinha ficou ali, guardada no fundo dos olhos de João, envolta nas plumas de um fabuloso carnaval, pairando sobre a face de todas as coisas.

João está agora à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, enquanto um último resto de madrugada se recolhe para detrás da carcunda das montanhas. E João a vê pela última vez. É ela. É Ritinha, no seu abundante corpo de mulata, que sobe à superfície do espelho d’água, requebrando as ancas no cerco dos admiradores. É ela. Cravada nos olhos de João, dançando em torno de João, buscando o corpo de João, naquele carnaval que não deveria ter fim. E João não quer mais suportar, porque a saudade, gota a gota, enche o peito de João. É ela. E João pensa que já não vale mais a pena, que aquilo já não é viver, é arrastar-se, arrastar-se para o nada, porque para ele só existe o nada. É ela. É somente ela. E João abre os braços, tal qual o Cristo Redentor sobre o Corcovado, e se atira na Lagoa Rodrigo de Freitas para morrer afogado.

A morte de João Gostoso coube apertada numa curta notícia de Jornal.

"Contra os abomináveis"

Morphine Epiphany - São Paulo/SP

O feminino templo
Criado por todas as
Flores secretas do mundo
Exige a lei,o acalanto
A proteção de sua delicadeza

Distante da abominável
Garra de tantos monstros
Abuso de força,dentes,
Músculos,a covardia apodrecida

Culpam a miniatura em roupa

Culpam a exposição da mulher

Enquanto, ceifadores de espírito
E carne
Perambulam em becos,avenidas,

Ônibus,casas,bares,

em todos os ambientes

Assassinos do templo
Exploradores do sexo
Malditos no templo
Estupradores nojentos

Utilizam penumbra,bando,
Bebida,cantada disfarçada
Mergulham feito vermes

Droga, armas e violência

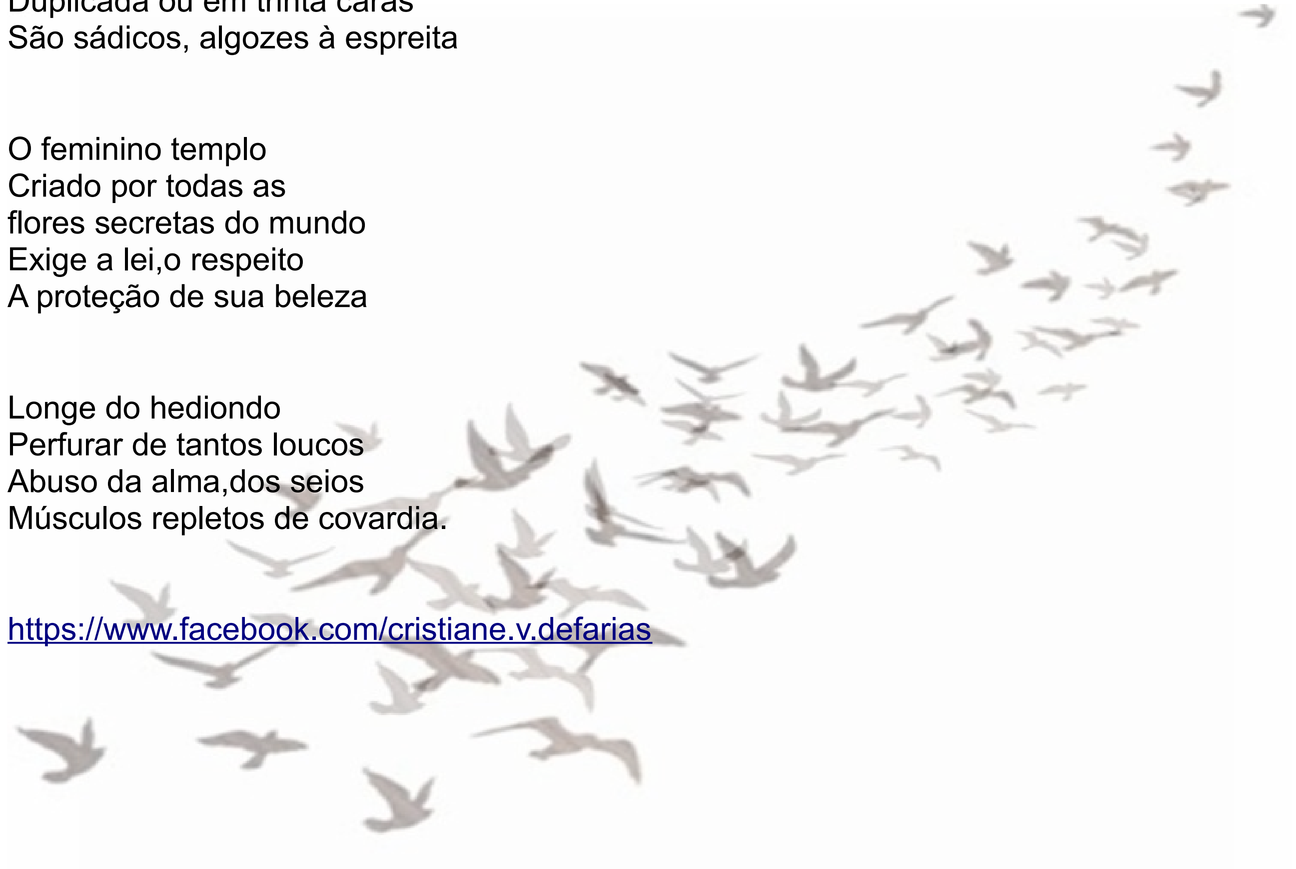
A cretinice em forma única

Duplicada ou em trinta caras
São sádicos, algozes à espreita

O feminino templo
Criado por todas as
flores secretas do mundo
Exige a lei,o respeito
A proteção de sua beleza

Longe do hediondo
Perfurar de tantos loucos
Abuso da alma,dos seios
Músculos repletos de covardia.

https://www.facebook.com/cristiane.v.defarias





Crença vaga

Allan Caetano Zanetti - Bento Gonçalves/RS

Vamos erguer o nosso templo
E iremos cobrar pela fé alheia
Teremos poder de persuasão
Para que a casa esteja cheia

Discursaremos sobre o além
Inventando histórias absurdas
Pois a dúvida sobre o pós-vida
Irá manter as pessoas mudas

Poderemos realizar exorcismos
Afinal nós fomos santificados
Possuindo um dom incomum
Ignorado em diversos teatros

Multiplicaremos a abrangência
Dominando alguns continentes
Professando uma crença vaga
Que promete curar os doentes

Obteremos enorme influência
Controlando parte da imprensa
E nos infiltraremos no governo
Para que a perda seja imensa.

http://graforreico.blogspot.com.br/



Da matéria filha de minha tia

Gabriela Ávila - Macapá/Amapá

Cada fato, cada ato
Inspire-se, inspire-o
Cada fardo, cada mártir
Transpire-o, transpire-se

Em verbo, tinta, gesto
Expime-te, arte verte
De tuas mãos, alma, sangue
Salva-te ao menos no verso

Cada olhar, cada distância
Faz dele a substância
Da tua verdade e circunstância
Da tua arte, esperança

Da dor que sangra
Faz dela tinta
Pinta um quadro de danças
Pinta calma e vida

Do grito impronunciado que fere
Faz dele canção
E sente cada nota, cada tom
Sente, ou tente: não haverá de ser em vão



DESTINO CERTO

Bruno Ribeiro Marques

Divinópolis/MG



Cor
 to
a car
 ne
e CUSPO
a beijar meu sangue
T r a f e g a c o n v u l s a
minha saliva
a percorrer
as labirínticas veias
do meu
a
v e s
s o
Carrega
 consigo
o sabor azedo
desta boca com
a
qual
.me.calo.

s a l i va in so s sa

impreg nada
de des engano
caldo avantajado de tristezas
f o r m a
em mim
o infértil rio da s o l i d ã o
Neste corpo exangue
e tão pequeno
injeto
meu o próprio
veneno

destino certo:
coração.

https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/



DOMINGO

Sandra Modesto
Ituiutaba- MG

O dia parecia um convite ao amor.
Era domingo. O domingo de Clarissa. O dia dela e de João.
Clarissa gostava muito de João. Por causa dele, os detalhes enfeitariam o domingo.
Ah! Ela e ele viveriam o imaginado, o imprevisto, mas, Clarissa sentia que o simples querer em ver João, era um querer bem querido.
Clarissa gostava de João. Do abraço apertado de João, do cheiro de João que de longe ela sentia.
Um amor forte fazia-os chorar de dar risadas.
Foi então, que se olhou no espelho e percebeu...
"Deslumbrante!" Disse Clarissa à sua própria imagem. O vestido azul de domingo, bem azul, de um azul do céu, feito à mão, bem moldado, destacando-lhe a cintura delgada, a silhueta perfeita, os seios pequenos. E...
O resto só João podia tão bem descrever!
Mas, há cenas livres. A liberdade aliada a um domingo. Aliada a vaidade ressaltada por Clarissa: Nos cabelos negros, Clarissa prendia um rabo de cavalo só para João desprender, para antes de desprender roçar-lhe a nuca e enfiar os dedos longos suavemente e despenteá-los. Em frações de segundos os dois estavam hipnotizados. A simplicidade dos carinhos, o jeito criando um ninho só deles, era uma mistura de amor e motivos de risadas. Os dois sentiam que o amor os dominava e o humor mantinha os encontros, os domingos, os arrepios, a graça em tudo. É que na verdade, o choro era só de imaginar o domingo sem João e as risadas silenciosas, enfeitavam o encontro, o amor forte de Clarissa e João.
Tudo ficou tão mais bonito quando João apontou na rua. Clarissa ficou ansiosa. Uma ansiedade gostosa desenhada em cores e paixão. O coração batendo acelerado, os olhos brilhando, o corpo marcado por desejos...
Naquele domingo, como de costume, João almoça na casa da amada. Come macarronada preparada pela amada. Escova os dentes com a escova de dente da amada.
A família reunida envolvida com a rotina do domingo, já tinha contado piada, já tinha tomado cerveja, já tinha ido à igreja, Clarissa e João saem para um passeio...
No caminho; Um afago, beijos, carinhos, pele, almas.
João conta seus planos; Um casamento eterno. Seus sonhos: Ter filhos parecidos com Clarissa.
Clarissa concorda, acredita, imagina. Ela sentia-se encantadora!
Em cantos daquele caminho, o verão insistia em fazer parte.
Chegam a um lugar de muito verde. A esperança? Momentos que ficariam marcados na lembrança?
Unindo-se ao verde, um rio. Sim, um rio com uma água muito cristalina.

De repente, uma chuva...
A água morna do tempo quente coloca à mostra o vestido grudado ao corpo de Clarissa. Estava transparente! O corpo de Clarissa desejava um amor. Um amor definido e sem controle. João a abraçou com ternura e vontade.
E os dois, se amam no domingo. Ali, debaixo da chuva.

https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto



Embrace the devil

Tim Soares
Florianópolis/SC

Eis o infinito, abismo
Vala de todas as órbitas
Décadas e supernovas
Eis o fundo do poço
Onde se perdem
Moças e moços
Onde se desmembra
O céu
Em sentenças siderais
Eis o fim da linha
Para o fraco, cansado
O suicida
O “felizes para sempre”
Enfim autêntico
Aos que se tornam semente
Em solo nada esplêndido!



EPIGRAMA DA MELHOR IDADE

Jlucas - Porto Alegre -RS

Juventude
Juventude!
Correndo solta
segue pela vida deslizando
nem percebe que o tempo vai passando
e os seus sonhos devorando.
O que era antes inquietude
agora se faz manso.
A coragem e a atitude
se transforma no medo e na decrepitude.
Melhor idade?
Quanta falsidade!
A sociedade propõe o tema
faz deste um poema.
Mas cadê a força,
a velocidade?
Tudo nos põe medo.
Passou-se o tempo da fertilidade
foi-se a virilidade.
Estamos presos dentro de uma grade
onde a imobilidade
se faz presente
trás dores
e rouba parte da nossa mente.
Nos poupem da falsa caridade
estamos no final do prazo de validade.
Então, por que melhor idade?

Eu preciso dos ovos

Lygia Boudoux - Gramado/RS

Casou-se sete vezes, a conta do mentiroso. Com todas as mulheres teve filhos. Já havia dobrado o cabo da boa esperança e ainda tinha filhos pequenos. Um homem alto, nenhuma beldade, uma voz mansa na hora da conversa mole. O tom de voz mudava e virava leão quando não era para seduzir.

Gostava de súditos, embora utilizasse um escudo populista. A sétima esposa, era uma mulher feia, daquelas de assustar, mas era engenheira, maquiavélica e esperta alcançou um cargo elevado na empresa.

A vida no lar parecia o falso cenário daqueles filmes americanos. Uma casa muito grande, quintal gramado com árvores frondosas, cães e crianças correndo. Ouvia-se o som da claquete em cada cena. As crianças indo ao colégio, os pais saindo para o trabalho juntos. E ele dizia para ela:

- Você é perfeita...

O elogio do marido apaixonado, pela sétima vez. Ela além de ganhar mais do que ele, ocupava um cargo maior na empresa. Os dois seguiam a risca aqueles conceitos dos livros de como casais inteligentes ficam ricos juntos.

O retorno do trabalho, às vezes os filhos ficavam na escola esperando os pais. Mas, o doce lar...Os cães correndo no quintal ...

A mãe, tal qual aquelas de filme, mulher de negócios e dona de casa esplêndida, corria para a cozinha para fazer o jantar, sem demonstrar nenhum cansaço. Tudo bonito e

brilhando. Novamente a claquete... Corta.

Na hora de dormir, a casa tão grande sempre em obras intermináveis. E era a hora de ligar o alarme. A mamadeira da criança pequena, os pais com idade de avós.

A fantasia da brincadeira de casinha mesmo numa classe social onde não se vive de sonhos, não há poesia, não interessa nada...Só Ter...Ser é besteira, pode-se fingir.

Dois anos depois, o marido subiu feito foguete. Recomeçou a pular a cerca. Afinal sempre foi o seu passatempo predileto: mulheres, mulheres e mulheres. Elas nem imaginavam que ele já estava de olho... E de repente com aquela voz de sedutor...

Um homem assim tem muitos amigos e conseguia muitos álibis. Mas, o desgaste do cotidiano, a cara feia da mulher que não era besta nem nada e tantas responsabilidades... O melhor era cair fora por um tempo e continuar a coleção: mulheres, mulheres e mulheres...

Conquistava uma, duas, três... Era tão fácil parecia mágica... Ele dizia com aquela voz sedutora: eu te amo... Depois abandonava uma, duas, três... Tanto faz, nem queria saber se sofriam, se morriam, se choravam, se matavam...

Porém era um pai exemplar... Quando estava junto dos filhos, gostava de dizer para eles: eu te amo, várias vezes...

Dizem que ele voltou para a mulher feia e maquiavélica, que era perfeita, deixou de ser perfeita e com o tempo da separação tornou-se perfeita de novo.

Um dia após o trabalho, foi beber um vinho com um dos amigos, no bar de costume, e o tal amigo lhe perguntou;

- Diga-me uma coisa, por que você voltou para a mesma vida? Agora você está num cargo de destaque, não precisa dela para nada... Quantas vezes vi você reclamar da vida vazia... Mulher manipuladora, crianças pequenas dando trabalho... Por que não se

aposenta, vai viver a sua vida tranquila e boêmia como gosta?

- Sabe meu amigo, vou lhe responder com uma piada de um final de filme genial que assisti. É mais ou menos assim: um homem tem um irmão maluco, ele pensa que é uma galinha e fica tomando conta dos ovos. Então o psiquiatra diz:

- Convença seu irmão de que ele não é uma galinha

- Mas, doutor... Eu preciso dos ovos...



Fabulosa Paixão

Luciane Couto - Contagem/MG

Assim que desceu da moto e começou a caminhar pela praça, eu sabia que seria ele. A tarde era fria, e eu esperava entediada sob um rasgo de sol que me alcançava. Àquela hora, grande parte dos amigos que iniciaram o dia na praça comigo já tinham ido embora, acompanhados; alguns felizes, outros apenas resignados. Não era a primeira vez que eu ali estava e já estava perdendo as esperanças de que seria a última, até avistar o homem de testa franzida, pronunciada sob as frestas da franja comprida do negro cabelo que quase escondia seu olhar gentil. A barba por fazer revelava um homem pouco vaidoso, no entanto certo de sua beleza máscula, mesmo que os lábios finos remetessem a um quê pueril. As pernas longas, ornadas pelo jeans surrado, o traziam em firmes passadas em minha direção, e daí não relutei em ser clichê: alinhei minha espinha, deixei minhas ancas se pronunciarem num ângulo favorável, conferi discretamente se ainda tinha em mim o aroma cítrico do sabonete do último banho tomado (a contragosto, confesso) e busquei estampar meu olhar de Capitu. E permaneci em espera, repetindo mentalmente meu gasto mantra: “que ele não prefira as clarinhas que aqui estão, que ele não prefira as clarinhas...” (sim, eu não sou portadora de uma autoestima elevada, resultado da constatação diária do olhar do outro sobre mim, onde eu lia que minha negritude não remetia à fortuna. E pelo fato de viver há tempos num lar provisório, cedido a mim e a alguns outros como um favor, desde que deixei a proteção das asas de minha mãe - talvez asas não retratem bem o que eu tinha junto a minha mãe, mas ainda assim a lembrança materna era algo que me remetia à sensação de aconchego, agora tão distante e nebulosa. Além disso, eu também tinha plena consciência que a ampulheta do tempo já levava minhas formas Lolita, o que dificultaria ainda mais o encontro com alguém para eu chamar de meu). Na praça, eu continuava naquela fatigante espera, agora sustentada pela falsa autoconfiança onde me empertiguei, enquanto ele andava e observava todas as outras que também e ainda aguardavam na tarde outonal. De repente, ele parou à minha frente e me encarou, ensaiando um sorriso. Então eu vislumbrei que ele também ali soube, naquele segundo crucial onde nossos olhares se cruzaram, que seria eu. Depois de alguns protocolos cumpridos, me conduziu, decidido e

zeloso, e me acomodou da melhor e mais segura forma possível na garupa de sua moto. Eu me sentia inadequada e apreensiva enquanto a moto traçava um caminho que nunca antes percorri, mas pouco depois parou. Chegamos. A casa dele. O mundo dele. Eu entrei ali para ficar. E nascia ali aquela rotina confortável: refeições compartilhadas na noite (o peixe que ele me preparava era meu preferido), minha diária e agitada espera pelo seu retorno do trabalho, quando muitas vezes ele me trazia um mimo (mimos que quase me divertiam quando das horas solitárias no apartamento pequeno)... Logo na primeira semana, ele ornou meu pescoço com um lindo colar; eu não era especialista em joias, mas aquela gargantilha com meu nome gravado me parecia linda, cara de afeto e deixava explícita que a ele eu pertencia. E declaro, sem pudor, que adorava esse sentimento inédito de pertencimento a alguém, e essa certeza continha em si um bálsamo para todas as privações que eu deixara para trás. Já estamos juntos há alguns anos e ainda não me cansei de me aconchegar toda noite em sua cama e calor, confortando-me no seu cheiro almiscarado, enquanto aguardo um afago antes que ele durma, sereno. Acordo cotidianamente antes dele, e vigio seu despertar, quando então ele me dirigirá aquele afetuoso bom dia, e eu, sempre dissilábica, retrucarei: “miau”…



Humano Eva

Maciel Guerra
Lucas do Rio Verde/MT

Vejam só como é que é
A criação de Deus
Quando ele decidiu
Fazer a mulher
No homem o Adão
Deu-lhe uma injeção
Deixando-o cair num sonão
Anestesia geral
Tirou-lhe uma costela
Começando a fazer ela
Transformou aquela costela
Clonagem e engenharia genética
Que bela era o clone Eva
Como se isso não bastasse
O corte fechou sem sequela
Cirurgia plástica
Oh céus quanta arte
E como um artesão
Fez Eva do outro humano Adão
E como um fantástico cirurgião
Anestesiou, clonou, e fez plástica
Eva feita de uma costela, não da mão
A costela no corpo humano é proteção
Protegendo órgãos vitais
Como os pulmões e o coração
Desprezar estes detalhes
É não prestar atenção

Numa romântica criação
Deus como um poeta em ação
Com o propósito divino
Fazendo Eva para completar Adão
Pois Deus sabia que o homem
Não era bicho de solidão
Tem necessidade de interagir
Chorar, se alegrar e sorrir
Se surpreender, entender se divertir
Tendo Eva o propósito de aconselhar
A mulher que veio edificar, completar
E ao homem sempre ajudar
Auxiliar é o princípio básico
Para a sua existência
Servir o homem com competência
Mas hei homens não se iludam não
Em absolutamente és superior
A esta bela e romântica criação
Feminino e masculino não
É questão de nenhuma competição
Deus nos fez um do outro
Com beleza única,
As nossas diferenças
Se encaixam como num quebra cabeça
Assim como côncavo e convexos
Pensando em Eva nascida de Adão
Entenda de uma vez, tenha gratidão
Deus nos fez com um propósito
Único de harmonia e união

gueeramaciel.blogspot.com.br

Imperceptível

Edison Gil
Sorocaba-SP

Não é o rio,
mas o Som esbelto
que o retém.

Não é o sino – em si,
mas o Som que paira
sob os ares de Belém.

Não é o trem,
mas o Som do apito
que ele tem.

Poesia é Música,
imperceptível aos olhos,
aos olhos de alguém!

http://fb.com/siredisongil



Jacareí – Uma Terra Amada e Acolhedora

Marcus Vinícius Vassalo – Jacareí/SP

COM SUA PAISAGEM MESCLADA DE URBANO E NATUREZA, PRÉDIOS E MONTANHAS, NOVO E VELHO, RIO E CASAS ESTA É JACAREÍ

UMA CIDADE QUE DEIXA SAUDADE QUANDO A DEIXAMOS, E QUE NOS ENCHE DE VONTADE DE FICAR QUANDO NELA CHEGAMOS

TRAZENDO O SABOR DE SUA TERRA COM ¨AQUELE BOLINHO¨ RECHEADO DE LINGUIÇA QUE CHAMAMOS DE CAIPIRA!



SEU PROGRESSO A TORNOU ¨CAPITAL DA CERVEJA¨, E ¨CAPITAL DO VIDRO¨, PROPORCIONANDO AOS CIDADÃOS JACAREIENSES UM NOVO ESTILO DE VIVER EM UMA CIDADE

NOS TRAZENDO MAIS OPÇÕES DE CONSUMO E LAZER, AUMENTANDO NOSSA AUTO-ESTIMA.

QUE NUM PASSADO RECENTE MUITO NOS AFLIGIA.





SEU PASSADO, PRESENTE AINDA EM NOSSAS MEMÓRIAS SEMPRE QUANDO PASSAMOS NAQUELE ¨PÁTIO¨ CARINHOSAMENTE CHAMADO ¨DOS TRILHOS¨

TRAZENDO ÁS VEZES MOMENTOS DE NOSTALGIA POR SABER QUE ALI PASSARAM TANTAS PESSOAS E TANTAS HISTÓRIAS EM SUA ÉPOCA DE ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

JUNTANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO EM SUAS INSTALAÇÕES PERMANENTES.



Agência MV ONLINE



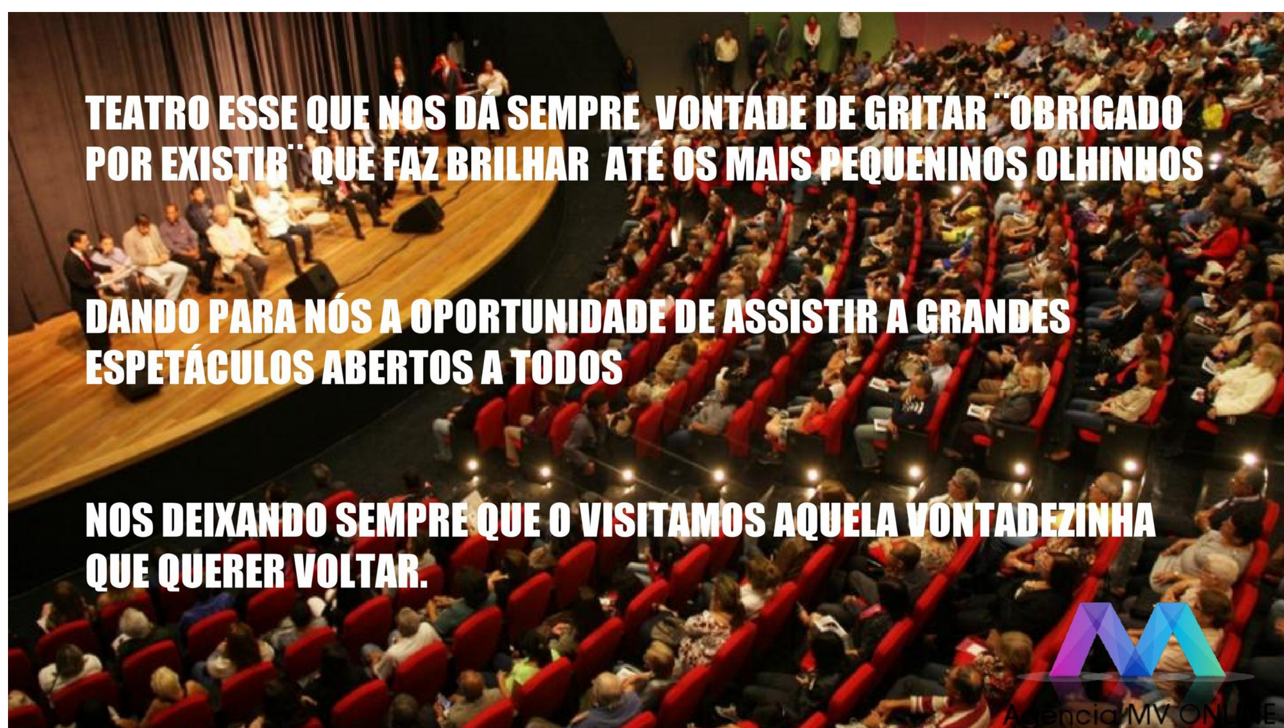
GANHOU O SEU ¨TEMPLO DA CULTURA¨ QUE COM SUA CHEGADA ABRIU AS PORTAS DO CONHECIMENTO

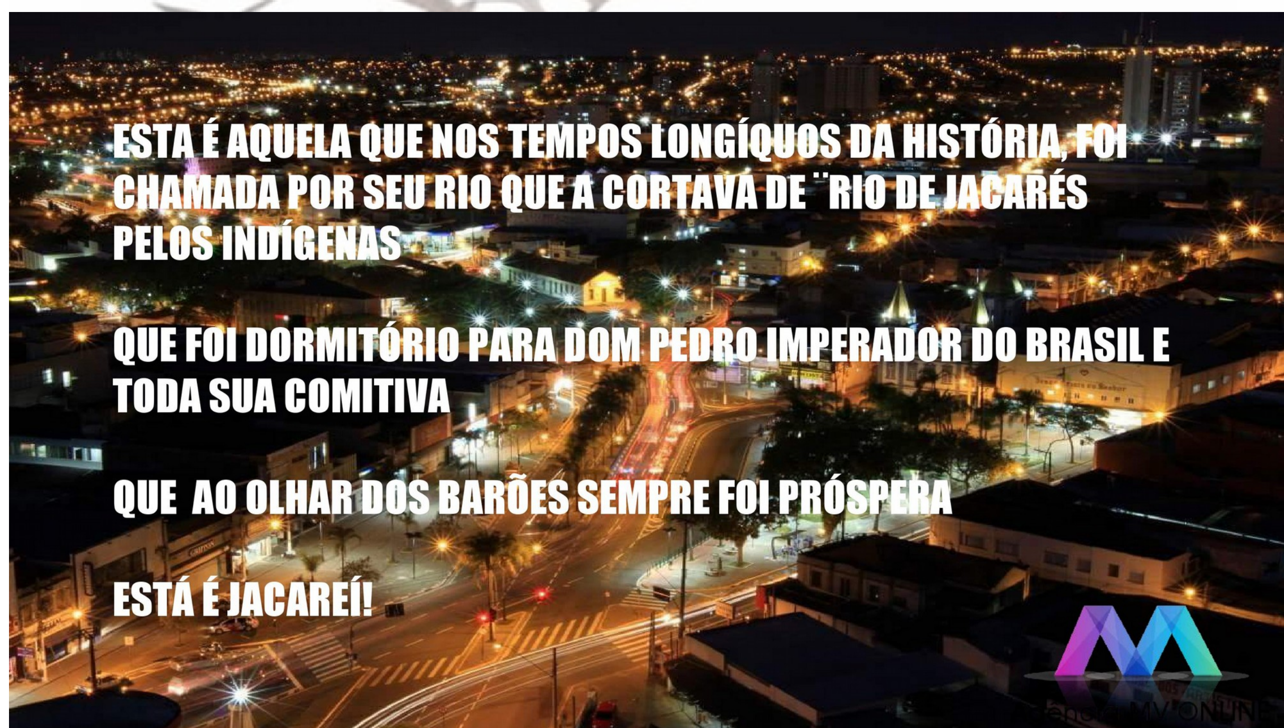
NOS PRESENTEANDO COM BELÍSSIMAS APRESENTAÇÕES NO TEATRO QUE LEVA O NOME DE ARIANO SUASSUNA

ÍCONE DA LITERATURA BRASILEIRA E MUNDIAL.



Agência MV ONLINE





http://agencia-mv-onlline.webnode.com

Lar

Regiane Folter - São Paulo-SP

Ser filha é a ocupação que eu mais desempenhei nessa vida. Por isso, acredito que é o que sei fazer de melhor. É difícil para mim reconhecer talentos, já que sempre me senti meio fora de lugar, uma peça do quebra-cabeça que nunca se encaixa, um sapato pequeno demais para qualquer pé entrar. Sempre me senti meio mutante, constantemente mudando de ideia, de sonhos, de profissão, como uma fênix que nunca para de transformar-se em busca da forma perfeita. E embora ser filha seja minha especialidade, minhas penas parecem que ficam melhor planando no céu do que no chão conhecido da casa onde cresci.

Fotos de dias felizes me acompanham aonde quer que eu vá, embora eu saiba que lembrar é como caminhar sobre o borde afiado de uma faca: sempre há uma chance de que eu possa me cortar. Porque faz algum tempo que não volto pra casa, faz algum tempo que não toco a campainha barulhenta porque sempre perco minhas chaves, faz algum tempo que meu cachorro estabanado não pula em mim, uma feliz saudação canina pela minha chegada. Cada pequeno desastre, cada festa de aniversário e tardes de conversa jogada fora, cada almoço de domingo, cada momento estampado nos álbuns que eu carrego na mala e no coração me fazem lembrar quem é parte de quem sou, embora não estejam fisicamente comigo.

Ser filha é o que sou por mais tempo. Sou irmã há 23 anos. Melhor amiga há sete. Namorada há quase dois. Mas a fênix dentro de mim se contorce, com vontade de voar, e em muitos desses dias, meses e anos, eu não estive presente. Não estive com meu irmão em seu aniversário de 18 anos. Não estava ao lado de minha mãe quando ela adoeceu. Não vi minha melhor amiga terminar sua faculdade. Não pude cozinhar o prato preferido do meu namorado na noite que ele quis. E as fotos risonhas me deixam marcas de culpa, de saudade, de “o que poderia ter sido, mas não foi”, de “nunca mais será”. E eu me pergunto como posso ser uma boa filha, uma boa irmã, como posso ser boa se não posso estar sempre? E se estou sempre, como posso ser eu?

Algumas pessoas dizem que casa é um par de paredes, um quarto, uma cozinha, uma sala, despesa cheia, santuário da família e dos bons costumes. Só que alguns outros dizem que casa é onde seu coração se expande de felicidade, é onde você encontra companhia e alento quando precisa descansar seus ossos. Dizem que casa não é só o lugar onde você arruma a cama ao se levantar ou onde descansa a cabeça na hora de dormir. Dizem que casa é estar com quem você ama. E, ao lado dessas pessoas, as paredes se quebram em milhares de possibilidades e deixam de ser tão importantes. Eu me lembro de todas as casas que tenho. Do colo da minha mãe. Da risada do meu irmão. Da mesa grande do pátio da minha vó. Do quadrado compartilhado com meu namorado. Dos abraços apertados da minha amiga. Das infinitas casas sem paredes que me

acolheram nos momentos que mais precisei e que cuidam de mim até mesmo hoje, até mesmo longe, quando aqui do outro lado do horizonte eu recebo suas preces, suas vozes em mensagens pelo celular, seus pensamentos de amor e carinho e seus pedidos sinceros de que eu seja feliz sendo quem sou. E que, quando possa, de uma passadinha para matar a saudade.

www.coisinhasflutuantes.com





Lembranças

Rosana Mezzomo de Oliveira
Santa Maria, RS

Olhando para as fotos agora... Tenho tantas saudades daquela cadeira marrom de tecido... Saudades da parreira que antes existia ali, saudades do nosso pé de pitanga, do fiel Amarelo, quantas saudades da infância. Daquela época que meu urso branco de pelúcia ainda era branco e ainda tinha um nariz.

Saudades de apostar corrida nas bicicletas com os amigos do bairro, de jogar bola na rua, brincar de cola-cola, esconde-esconde, estátua e tantas outras brincadeiras que inventávamos. Tenho vontade de ser criança de novo, de me perder nos sorrisos e chorar de alegria, abrir os braços e girar de pé descalço na chuva. Ouvir a mãe dizendo “é só uma picadinha de abelha” para alguma vacina.

Sinto falta de ser despreocupada e não ter responsabilidades. Sinto falta do tempo em que ser chamada de NERD ou CDF não era questão de bulling, mas sim orgulho, sinto falta da era sem a tecnologia, se não sem ela, ao menos sem conhecê-la.

Sinto falta de viver, cair, chorar, sorrir, brincar, amar... Quero sentir o cheiro da terra e me jogar nela de novo sem me preocupar se posso pegar alguma doença. Quero o meu passado vívido no meu presente, não apenas através das fotos.

Lembrar e refazer... No fim das contas, acho que vou largar o “pc” e o celular e voltar a viver.



Maluco de fazenda

Guilherme Giublin

Curitiba-PR

Sempre fui meio excluído, saca? Tipo não pertencia aquele lugar. Mas fazer o quê? O mundo era aquele ali, aquele cercado. Todos da família diziam isso, esse é nosso lugar. Depois tem outros lugares, claro que tem, mas são lugares dos outros, cada um na sua.

Acho importante ficar cada um na sua, mas isso pode acontecer estando junto, saca? Eu respeito você e você me respeita, na boa, mas pra que separados? Esse negócio de cada um em seu lugar, cada um em seu cercado é muita opressão, nunca foi pra mim. Mas fazer o quê? Era preso naquele lugar, um prisioneiro, assim como a mentalidade dos que tavam a minha volta. Veja bem, nunca fui um prisioneiro da minha mente. Sempre fui livre, queria conhecer a natureza e tal, ela já me dava muito, sabia que ela podia me dar mais, que em outros lugares ela seria diferente, precisava viajar. Mas assim, os meus mais chegados, que nunca me entendiam – apesar que eu também não entendia eles – esse viviam em dois cercados, o físico ali, que impedia de sair e ter relação com os outros lugares da natureza, e o mental. O mental é muito pior, saca? Uma cerca física você até pode conseguir escapar, eu consegui, mas da mental é impossível fugir, é ela que mata o cara, aprisiona 24 horas por dia, faz o cara viver só pra função que o sistema manipula ele.

E o que o sistema queria de mim? Nunca soube e não quero saber, saca? Sou livre e descobri o que eu quero do sistema, quero estar fora. Mesmo agora, aqui, caído, eu sei que é o fim. Não adianta me dizer que não. Mas, pode crê, nunca vou esquecer o que você fez por mim, maluco. Vir até aqui, me dar água, escutar minha história pessoal, você é especial, deixou um maluco feliz na hora da morte.

Mas vou te botar a fita de como consegui fugir: tava maior ventania mesmo, folhas para tudo quanto é lado e um dos caras de chapéu, que tiravam a nossa liberdade física, tava lá, colocando água no coxo. De repente bateu um branco, fez um cabum cabuloso e um cavalo caiu pertinho assim da gente, caiu e começou a tremer, muito assustador.

Só sei que o cara do chapéu saiu mais acelerado que eu conseguia, bateu a porteira, mas, no desespero, esqueceu de trancar. Pá, o céu ficava mais escuro, mais

clarões em todos os lados, barulho de vento e de trovão junto, saca? Assustador, mas não pra mim, que sempre curti a natureza. Eu falei pros outros: vamos? Ninguém quis, tavam tudo com medo, imagina, a única chance de ser livre de vez e eles amarelavam. Ficaram tudo abaixado, rente ao chão, com cagaço mesmo.

Saí na minha, nem troquei ideia mais, sem tchau, sabia que minha hora ali tinha acabado.

Fui no galeto até aquela floresta, passei pelo campo, o vento ia comigo, tava no maior gás, a sensação foi demais, tipo assim, ali eu tava vivo, pela primeira vez, depois de três anos.

Dentro da mata começou a chuva. Aquele shhhhhhh. Folha tremendo, caindo, foi demais. Adoro água, mas nunca tinha visto ela com uma cor tão bonita, mistura do verde das folhas com o branco da água. Nunca tinha visto a terra tão lavada, saca? Na minha prisão, que aquilo era uma prisão, descobri assim que saí, a grama não deixava a terra fofa daquele jeito, meus dois dedos tavam afundando, era demais.

Bati um bode ali mesmo, quando acordei tava escuro, mas não de chuva, da noite. Tinha estrela, muitas, resolvi sair da mata, ver as estrelas diretamente, sentir a energia sem a cortina das copas, me energizar com os astros pela primeira vez como um avestruz livre.

Quando saí da mata, bum, caí aqui, saca? Passaram três noites já. Não sei por que tava aqui esse buraco esquisito.

- Cara, culpa dos caras que você chamou de caras de chapéu, vão fazer uma piscina, tendo um riacho logo ali, muito capitalismo.

Bom, parece que eles venceram, mas não, fui livre, livre por umas horas, mas foi bom, vivi e morri na minha liberdade, aprendi que viajar sozinho é o que há. Hoje pouco de nós sabemos como é isso, foi um privilégio.

Você vai me reciclar?

- Claro. E prometo que não vou capitalizar, cada pena que eu tirar – vai dar uma pá de brinco –e esses brincos não vou aceitar o monetário, ou troco por comida, ou dou pros malucos que têm astral livre, como eu e tu.

Fechado, assim minha liberdade continua, nas BR's da vida, pedalando com os malucos. Liberdade em vida, liberdade na morte, liberdade depois de morto, saca?

Marcos e Henrique

Thássio Ferreira
Rio de Janeiro/RJ

Conheciam-se profundamente. Embora ainda estivessem em idades em que não se conhece profundamente nem a si próprio, que dirá a outra pessoa: um deles com vinte e nove recém completados, no auge do que o outro, de vinte e quatro, dizia ser a "melhor fase do homem, quando o vigor, ainda pulsante, ganha experiência".

Embora também estivessem há pouco tempo juntos, um nada além de três anos, o que já é quase não tão pouco, mas ainda não tanto. Dois desses anos dividindo o apartamento antigo, que testemunhava a construção daquela vida em comum com a sonolência de quem já vira assassinatos e suicídios afetivos e desistira de tentar compreender a humanidade.

Entretanto, entretanto, apesar de todos os entretantos, conheciam-se profundamente. Marcos levantou-se, os pés descalços, e foi até o quarto no fim do corredor, cuidando para não esbarrar em nenhuma das pilhas de livros que aguardavam resignadas pelo chão que ele instalasse a prateleira comprada há semanas, também ela ao chão, ao lado dos livros. Contornou a cama e diminuiu o volume do som que fazia vibrar quase imperceptivelmente o tampo da mesinha de cabeceira – enquanto calhou lembrar-se da infância, olhando para o móvel: dos raros momentos de calmaria, quando sua mãe o colocava para dormir e sempre deixava um copo d'água ali ao alcance, na "mesinha de cabeceira", como ela dizia, nunca no "criado-mudo". Voltou ao escritório.

Henrique não ouviu o volume ser diminuído. Ouviu, sim, a voz de Marcos, contrariada mas ainda carinhosa, roufenha, uma entonação só dele, sempre, sempre: Henrique, abaixa um pouco o Caetano, por favor, estou tentando trabalhar. Mesmo com toda a intimidade, ele sempre usava por favor e obrigado. E todas as outras fórmulas de gentileza. Nas mais pequenas coisas. Costumava dizer que falta de educação, ainda que por pressa, ou pela própria intimidade, ou por qualquer razão, era imperdoável. Gostava de cultivar a amabilidade com devoção quase religiosa. Além de imperdoável, achava a descortesia mortal: "Quem não diz por favor está a um passo de mandar tomar no cu o outro que só pediu licença. Na rua pode acabar rendendo um tiro. Em casa, um bilhete de despedida". Henrique fechou a torneira e parou de se banhar por um instante.

Marcos não ouviu o fluxo de água interromper-se, o silêncio ao fim das gotas e do zumbido do aquecedor. Ouviu um suspiro e a voz do outro em certa mágoa, certa irritação: É rápido, Marcos, você sabe o quanto eu gosto de ouvir música enquanto me apronto, e que eu já vou sair. O relógio do computador indicava dez e dez, agora dez e onze. Parou de escrever. Acendeu um cigarro.

Henrique não ouviu os passos e a janela de esquadrias velhas e rangentes se abrindo à amendoeira e seus macaquinhos acostumados ao ruído de alumínio deslizando, olhares e fumaça de cigarro – Marcos tinha o hábito de fumar sempre à janela, desde quando morava com os pais e não queria deixar que o cheiro enjoativo se impregnasse

em seu quarto e fosse motivo de mais brigas (embora não houvesse necessidade de motivos para que elas se tornassem cada vez maiores e mais frequentes, naqueles últimos anos em que ele mais fumou na vida, antes que cada um dos três fosse viver sozinho). Henrique o ouviu, com a voz mais alta, todo alerta devido à interrupção do trabalho, dizer, ainda carinhoso, porém de um carinho, uma polidez à beira da condescendência: Mas é um fluxo, Henrique, e o som incomoda, *muito tanto*, é perturbador para a concentração de que eu preciso; ainda que seja o Caetano, aliás (anteouvia ele em sua mente o argumento seguinte do outro, sobre a suavidade das músicas que escolhia sempre que ele estava concentrado); é o único momento em que eu peço para não ser perturbado: quando estou escrevendo.

Havia em sua voz uma nota levíssima, rarefeita, de algo maior que dor e aborrecimento, um prenúncio de desespero quase, que parecia vir mais de confessar assim em voz alta a escrita e a entrega que ela exige do que da discussão em torno do volume do som. Mas Henrique não ouviu.

Reabriu a torneira, terminou de se enxaguar e passou a se barbear no vapor do banho, em silêncio. Isto exatamente tudo o que Marcos ouviu: o silêncio do outro, por trás da voz que cantava Um Canto de Afoxé para o Bloco, por baixo do barulho do chuveiro e do aquecedor e entremeando feito gás em expansão os ruídos débeis que vinham da rua, aquela rua tranquila de amendoeiras já velhas, que nem mesmo forças para farfalharem ao vento costumavam ter.

Deixou o cigarro aceso no cinzeiro e foi até o quarto, sem olhar para dentro quando passou pelo banheiro, a porta aberta para deixar entrar a música que infelizmente não sabia, em sua natureza de onda, entrar toda ali e se dissolver no vapor d'água, feito se dissolve na areia a onda do mar. Aumentou o volume do som, porém menos do que tinha abaixado antes. O tampo da mesa de cabeceira não vibrava, nem de leve. Voltou ao escritório, fechou a porta.

Mas Henrique só ouviu a voz do namorado, irritada porém rendendo-se, carinhosa, sempre carinhosa: Pelo menos se apressa, garoto. Garoto era de fato o termo mais carinhosamente rendido que o namorado usava para ele. Apressou-se.

Marcos não ouviu o som inexistente daquele apressar-se, sem gavetas batendo ou cabides correndo pelo metal da barra do armário, a roupa já escolhida aguardando em cima da cama. Ouvia apenas a música, que agora até mais do que quando primeiro se incomodou com ela prendia-lhe a atenção, pela fresta embaixo da porta, pela fechadura, pelos recessos do cérebro que conhecia cada verso seguinte, cada entonação de cada canção, impedindo-o por completo de trabalhar.

Quando pronto, som desligado, antes de sair do apartamento, Henrique abriu a porta do escritório e sorriu para Marcos, sentado distraído frente ao computador. Um novo cigarro ainda aceso, já quase ao fim, no cinzeiro em cima da bancada, porque não morava mais com os pais e podia vez ou outra deixar a fumaça se espalhar.

Sempre fumava enquanto escrevia. Ou melhor, quando interrompia a escrita. Na maior parte das vezes o motivo era mesmo interrompê-la, simplesmente, livrar-se brevemente daquela entrega que tanto exigia e tanto o chamava, irresistivelmente. O cigarro largado no cinzeiro de vidro, ao lado de Marcos sentado bem ereto, indicava que suas ideias já se reorganizavam quase totalmente, a urdidura das palavras no limiar de explodir na próxima frase, a direção a ser seguida já refixada na mente.

Henrique foi até ele com a desinibição e leveza dos inconsequentes, deu a volta à

cadeira e descansou a cabeça em seu ombro, roçando-lhe o pescoço e rosto ásperos da barba que crescia com o seu próprio pescoço e rosto bem barbeados e frescos da loção do outro, que sempre roubava, enquanto lhe fazia um cafuné divertido no topo da cabeça, baguncinha nos cabelos, rindo, esfregando no outro o seu cheiro de banho e roupa nova.

Rearrrancado de sua imersão, sentindo Henrique tão próximo, irremediavelmente próximo, irremediavelmente arrancado, Marcos virou-se rindo também e o beijou. Beijou aquele cheiro, aquela juventude, aquela pausa, aquele oásis. As mãos ainda mergulhadas nos cabelos do namorado, Henrique suspirou. De carinho, de conforto, de ...? Suspirou. Marcos não ouviu o suspiro; ouviu o outro, brincalhão: Desta interrupção você não reclama, não é?! Beijou-o mais, beijaram-se, com mais intensidade. O cigarro extinguiu-se no cinzeiro e o relógio do computador marcava agora dez e trinta e oito.

Henrique deixou a porta do escritório aberta, para que o silêncio do apartamento inundasse todos os espaços. Saiu pela porta da cozinha, de onde podia descer as escadas correndo como gostava. Marcos não ouviu a porta bater. Ouviu "te amo". Antes mesmo de começar a descer velozmente as escadas, um alarme de carro disparou mas Henrique teve a certeza de ter ouvido perfeitamente o "também te amo" na voz de Marcos. Sorriu pensando na volta, no amor de noite, tão sôfrego e tão calmo. Brincariam com gelo, Marcos adorava.

Conheciam-se e amavam-se profundamente.

http://www.germinaliteratura.com.br/2016/thassio_ferreira.htm



O amor da donzela envenenada

Mickael Alves da Silva – Ceará



Cobra

Picou seu corpo

Aos pedaços

Agora

O rubor vai

Da sua face até seus olhos

Confundiu o veneno

Com Afeto

Estava afetada

Procura seu amado

Tristemente

Ninguém a esperava

E tremia e tremia

Mas se achava abastada

Por pensar

Que era amor

O que a matara

O ANIVERSÁRIO DE MARIA FLOR

Mônica da Silva Costa - Jacarezinho/PR

Carolina tinha uma amiga muito querida chamada Maria Flor. Elas haviam se conhecido no trabalho e se davam muito bem. Trabalharam juntas por cerca de dois anos e, mesmo depois que Maria Flor saiu do trabalho, as duas mantiveram aquela linda amizade. Elas eram tão amigas que, quando Maria Flor se casou, Carolina foi madrinha de seu casamento.

Certa vez, Maria Flor decidiu fazer uma festa no seu aniversário e convidou Carolina. O convite foi encaminhado pela Internet. Quando visualizou o convite, Carolina pensou:

- Nossa! Ela me mandou o convite apenas dois dias antes da festa! Será que ela quer mesmo que eu vá?...

Apesar de ter estranhado um pouco aquele “convite de última hora”, Carolina comentou com seu marido que o aniversário de Maria Flor seria dali a dois dias e que ela gostaria de comparecer. Então, ela e seu marido se programaram para ir àquela festa e compraram o presente. Chegado o dia do aniversário, Carolina tomou banho mais cedo e arrumou as crianças. A festa estava marcada para as vinte horas de uma sexta-feira, na casa da mãe de Maria Flor.

Quando todos estavam prontos, Carolina e sua família se deslocaram até o endereço do aniversário. Chegando lá, enquanto seu marido estacionava o carro, Carolina estranhou a ausência de outros carros estacionados na frente da casa, e também notou que o interior da residência estava um pouco escuro, sem qualquer movimentação.

Enquanto Carolina retirava as crianças das cadeirinhas, percebeu que chegava um carro com os vidros fechados e abria o portão eletrônico daquela residência. Apesar de Carolina e sua família estarem bem próximos ao portão, as pessoas que estavam naquele carro não notaram a sua presença – simplesmente abriram o portão e

adentraram a garagem da casa, fechando o portão em seguida. Nesse instante, Carolina disse ao seu marido:

- Veja, amor! Nem olharam para nós!...

Em seguida, seu marido dirigiu-se até o interfone, mas antes que o apertasse, Carolina teve um estalo e lhe disse:

- Não! Não toque o interfone!...

- Por quê? – perguntou o seu marido.

- Não é hoje o aniversário, amor! Acabo de me lembrar – é no mês que vem!...

- Hã?!... – espantou-se seu marido.

- Sim! Eu errei a data! É por isso que está tudo escuro e não tem nenhum carro estacionado aqui! Vamos embora logo, antes que alguém nos veja!...

- Não acredito!... – disse seu marido e começou a rir.

Rapidamente, Carolina e seu marido começaram a acomodar as crianças no carro para ir embora, apavorados, com medo de serem vistos e passarem vergonha! Eles passaram mais aperto ainda porque as crianças começaram a chorar e a perguntar:

- Por quê, mamãe? Por que a gente vai embora?! Eu quero ir à festa, mamãe!

Carolina tentava acalmar as crianças dizendo que havia se enganado quanto ao dia do aniversário, mas elas choravam mais alto ainda! Por sorte, ninguém naquela casa ouviu o choro das crianças e eles conseguiram sair dali sem serem vistos. Assim que se distanciaram da residência, Carolina começou a rir do acontecido e disse ao seu marido:

- Só eu mesma para fazer uma coisa dessas!... Ainda bem que ninguém viu a gente! Já pensou a vergonha que a gente ia passar?...

- Nem me fale! – disse o seu marido.

- Bem, já que estamos todos arrumados, que tal irmos comer em uma lanchonete? – sugeriu Carolina.

- Pode ser, amor! – concordou seu marido, e as crianças já se animaram:

- Vamos, vamos! – disse sua filha mais velha.

No trajeto, Carolina começou a pensar por que tinha se enganado

daquela forma com relação ao aniversário de sua amiga. Pensou, pensou e chegou à conclusão de que precisava desacelerar o seu ritmo de vida, pois andava se antecipando demais em suas atividades. Ela também se repreendeu por ter pensado mal de Maria Flor quanto à data de envio do convite.

E assim aquela família, que não tinha jantado, foi comer numa lanchonete depois que Carolina errou o dia do aniversário de sua amiga com nada mais, nada menos que um mês de antecedência…

O DIABO DA NUMÍDIA

Alberto Arecchi
Pavia, Itália



Eu estou disposto a apostar que nenhum de vocês já conheceu o diabo na Numídia. Acredito que eu vi, há muitos anos, durante uma viagem de carro para atravessar as montanhas da Medjerda, entre a Tunísia e a Argélia. Era uma noite muito chuvosa e o caminho, estreito e cheio de curvas fechadas, não estava equipado com proteções adequadas para garantir que o viajante não voe para a direita na próxima ravina. Eu havia embarcado em Gênova, na chuva. Após o desembarque na Goulette, estava chovendo. Vinte e quatro horas de água por cima do ombro, a água dos lagos em Tunis de um lado e do outro, a água do céu. Realmente demasiado: tentem vocês dizer isto àqueles que estão convencidos de que na África nunca chove. Eu abandonei a intenção original de passar um dia em Tunis e decidi não parar. Ao longo da estrada costeira eu podia chegar em volta da noite em Annaba, mas a cidade era famosa por seus ladrões, capazes de cortar vossos pneus nos cruzamentos para forçá-los a ir para baixo e roubar tudo... Então, aventurei-me na outra estrada, que no papel não parecia muito desconfortável, a convicção de chegar antes de escurecer em Souk Ahras, a antiga Tagaste, cidade natal de Santo Agostinho, tranquila cidade de montanha, do outro lado da fronteira argelina. A chuva e as terríveis curvas daquela estrada de montanha me dariam uma noite de horda.

Em essas montanhas, anos antes, tinham lutado os *fellagha* (rebeldes argelinos em revolta contra a França). As tropas coloniais tentaram construir uma linha "impenetrável" de fortes e arame farpado, para impedir o fornecimento dos rebeldes. Os sinais eram escassos, ao longo do caminho, mas eu não estava com medo de me perder: a estrada de asfalto estreita, toda de voltas e reviravoltas, continuava subindo para o céu, sem desvios, embora invisível na noite negra.

Nas curvas fechadas mais expostas, a chuva parecia abrir o caminho sob as rodas. Eu tentava não pensar sobre o que eu poderia esperar após a próxima curva, cantarolando entre os dentes alguma canção esquecida. Após cerca de dez minutos, no entanto, a tensão renovava-se. Além das chuvas, das curvas, da escuridão, dos relâmpagos repentinos que iluminavam a noite, eu tinha medo que uns animais selvagens, atravessassem de repente o meu caminho: um javali, um macaco, um cão vadio, uma raposa ou qualquer outro ser vivo. Na noite escura o carro poderia ter sido parado e não encaminhar-se mais.

Isto pode explicar por que eu não parei, mesmo hesitando um momento, quando, no meio de uma curva, na escuridão diante de mim, uma silhueta branca apareceu de repente. Uma grande sombra pálida, com as asas abertas: tinha de ser uma ave de rapina noturna na caça, talvez uma coruja de celeiro. Parou por um momento no ar, na luz amarela dos faróis, e desapareceu, em quanto meus olhos tentavam reconhecer a estrada.

Um instante - ou um século - mais tarde, retorno a mim de um breve desmaio, a testa coberta de suor frio. Apito de morteiros. Eu estou sempre na estrada, na noite de tempestade, mas estou conduzindo um veículo blindado. De dois miradouros, colocados em penhascos com vista para o caminho, os raios de luz passam na montanha em busca dos rebeldes. Rajadas longas de metralhadora cortam a noite. Como sombras que desaparecem na escuridão, os *fellagha* não se veem. Meu carro passa no fogo cruzado de balas traçadoras e vejo diante de mim, claramente, uma máscara sorridente: uma espécie de harpia, empoleirada sobre o capô do meu caminhão. Como se fosse de fósforo, a larva brilha de luz própria e paira e mexe, aqui e ali.

Sinto-me em perigo imediato, o fantasma bailarino me assusta mais que as rajadas e a tempestade. Tenho que me forçar a ficar firme, os olhos bem abertos na noite, tenho que tentar não distrair. Sei instintivamente que, se seguir com os olhos os movimentos da aparição, escaparia para fora da estrada, descendo a ravina íngreme. O vento traz rajadas violentas de chuva. O confronto parece ter acabado, mas alguns tiroteios isolados ainda ecoam na escuridão. Os olhos correm entre as sombras de tuias e carvalhos, procurando o brilho de uma arma ou o movimento das capas dos rebeldes. Em vez disso, vejo só redemoinhos e ramos, balançando nas rajadas do vento; mas no jogo de luz e sombras, às vezes, até mesmo transparece o sorriso atroz da visão. A máscara me convida para acompanhá-la. Gira e vem descansar em uma clareira, a cerca de cinquenta metros da estrada.

Então, a face do sorriso satânico explode em mil fragmentos: estilhaços de luz, madeira, metal e terra húmida. Um morteiro atingiu uma barraca, um pequeno depósito de munições. Longos minutos de fogos de artifício. Eu paro, saio do veículo e me aproximo cautelosamente à clareira. Deitado em seu próprio sangue, um jovem soldado camuflado, com o rosto desfigurado pela explosão, engasga e morre em meus braços. Eu nunca vou saber se era um francês, um mercenário da Legião ou um rebelde. Nenhum sinal o identifica, e face da morte os jovens são todos iguais. Ao longo dos últimos suspiros, ele tira do bolso o retrato de uma menina e aperta convulsivamente na mão, como se estivesse tentando se agarrar a essa última esperança, a última memória. Deixou-o lá, na chuva, na escuridão e no silêncio que se tornaram absoluta. Na estrada, com os faróis

acesos, meu carro está esperando para mim.

Durante essa viagem, eu cheguei em Souk Ahras que já era noite avançada e encontrei dificuldades para achar um quarto para descansar. Tive a sorte de ver nas ruas desertas um funcionário público, que se ofereceu para chamar os poucos hotéis na cidade, e me arranjar uma cama. Ainda me lembro da estalagem esquálida, cujos lenços tinham definitivamente perdido sua inocência e foram tão endurecidos para ficar contra a parede, na posição vertical, sem cair. Eu estava completamente vestido na cama, grato à noite fria. Dormi pouco, ainda abalado pela viagem na tempestade, pela visão, os tiros, a imagem daquele jovem morrendo. Acordei e retomei o sono, pelo menos, quatro ou cinco vezes: a noite nunca passava. No dia seguinte, a tempestade se acalmara e o céu estava se abrindo, o vento não trazia mais nuvens. Assim como não havia luz suficiente, eu continuei a viagem para Argel.

Na minha longa estadia nesses países fui capaz de descobrir, a partir de livros e conversas, as lendas que são contadas, sobre aparências semelhantes ao fantasma que eu tinha visto naquela noite.

O "diabo da Numídia" materializa-se como uma larva ou um fantasma, em ocasiões especiais, para prever - ou evocar - eventos desfavoráveis, em certos vales as montanhas entre a Tunísia e a Argélia. A gente diz que o diabo aparece na Numídia quando alguém tem que morrer de uma morte violenta, mas também para abrir brechas temporais, aberturas que permitem conhecer o passado ou o futuro.

Nesse noite de tempestade, a larva não tinha vindo para me levar, ou talvez... Quem sabe? O que é certo, é que a morte tomou uma vida naquele lugar, naquela hora - mas em que ano, em qual dos muitos mundos paralelos?

O diabo da Numídia lá estava.

www.liutprand.it



O Diabo, o Bruxo e a Permissão do Deus Todo-Poderoso

Gerson Machado de Avillez - Rio de Janeiro

Século XIV, Algum lugar de Portugal

Henrique Keystone era valoroso cavalheiro real mesmo após a morte do Rei Felipe e combatente da heresia no mundo. Não havia inquisição, mas desde quando os execrável *Ordo Pauperum Commilitonum Christi Templique Salominici,* os templários, foram entregues por heresia pelo rei Filipe, o Belo, e o papa Clemente V. Henrique tratou de cumprir os mandatos de prisão na região onde atuava e, ele mesmo, prendeu Jacques de Molay, o último grão-mestre dos templários.

Da fatídica sexta-feira 13 de 1307, as severas acusações aos templários suscitaram revolta popular pois eles tripudiariam sobre a cruz e realizariam rituais de sodomia secretamente e, segundo alguns, até mesmo envolvendo camponeses que lhes foram vítimas. O fato, porém, é que Henrique pouco acreditava nisso tudo quando retornou a seu lar, em Portugal, pois suas convicções diziam que eles talvez tivessem monopolizando economias de modo a colocar em risco a hegemonia do reinado de Filipe, o Belo.

O Priorado de Sião não se manifestou, mas dias antes rumores diziam que eles pegaram muitas relíquias os quais os templários guardavam, relíquias estas dentre os quais a misteriosa lenda do Santo Graal. Fosse fato ou mais um rumor infundado que permeava a população, Henrique sabia que alguns dos templários fugidos haviam se escondido em Portugal junto a um líder que era membro do Priorado de Sião, o que não lhe fazia sentido uma vez que o Priorado que fundou a Ordem Templária, não era igualmente acusada de heresia e tais crimes insidiosos cometidos pelos infames cavalheiros.

Era uma sexta-feira quando Henrique perfilou os fugitivos a distância e, em silêncio, seguiu os acossados cavalheiros extintos.

Havia um distinto homem de capuz branco aparentemente cercado por um mote desses cavalheiros que estavam descaracterizados de suas vestes padrões, mas reconhecíveis por alguns apetrechos enquanto se esgueiravam soturnamente pelos vales da região de Trás-os-Montes de terras lusófonas. Ademais ao cair da noite, Henrique que havia desviando-se de seu trajeto junto a mais dois cavalheiros que era de sua mesma região observavam agora no escuro os homens caminharem com tochas acessas até uma cabana aparentemente abandonada onde acenderam uma fogueira e o qual tons sinistros esfacelavam qualquer esperança de que não fosse nada austero daqueles cavalheiros que haviam sucumbido em sua capitulação. Talvez fossem salteadores que se apossaram de armamentos e armaduras dos cavalheiros, indagou um dos amigos de Henrique.

Porém, numa olhada mais próxima contemplaram que nove funestos homens

presentes pareciam realizar algum ritual tenebroso em torno da fogueira quando revelou-se ter uma camponesa e um camponês que foram agarrados de supetão quando saia da cabana. Agora desnudos a mulher e o homem eram sodomizados pela infâmia dos cavalheiros, confirmando todos os temíveis rumores e acusações. Aquele era o momento de ataque, os cavalheiros extintos estavam vulneráveis sem suas armas enquanto realizavam o infame ato sexual forçado com sinais de estarem em meio a uma adoração vil e execrável de algum demônio agora desvelado e tendo Deus e as estrelas como testemunhas.

Henrique desembainhou sua espada e deu ordem a seus amigos cavalheiros descerem a colina, cada qual de um lado para surpreendê-los num ataque que os renderiam ou os matariam. De modo que sucedeu os deixando em polvorosa.

De imediato dois homens que coitavam o camponês foram mortos no ato sexual com seus membros sexuais ainda eretos vergonhosamente, assim como os que realizavam o coito na mulher que fora degolada por um dos que tiveram tempo de pegar uma adaga.

Seguiu-se um breve embate que pela surpresa fora a derrocada dos infames homens, mas que deu tempo para que o homem de capuz branco, porém, fosse protegido de tal modo que dois fugiram com ele carregando algo numa bagagem sobre sua montaria.

A perseguição - agora justificada - que seguiu, fora por montes sob a luz do intenso luar, os ignóbeis uma vez expostos mais do que nunca estavam dispostos a matar ou morrer pois seus atos infames não resistiriam a luz da exposição do que antes lhe era realizado em oculto. Estropiados pela longa jornada o qual eram fugitivos oficiais Henrique engendrou um ataque quando estes adentram as ruínas de um antigo templo na região.

Não houve tanta resistência desta vez, os algozes dos pobres camponeses estavam encurralados de modo que os dois cavalheiros que vociferavam a ojeriza pelo mando de prisão davam tempo para que o líder fugisse por entre as ruínas abandonadas naquela região.

Mas um breve embate se seguiu com a morte dos dois fugitivos até que Henrique empunhando sua espada seguiu firmemente encontrando-o exasperado, evocando palavras não conhecidas quando fora rendido. Com envoltura o homem parecia urgir palavras com um olhar funesto que inebria a si próprio num tom sinistro quando ergueu uma espécie de amuleto e disse em português, “agora conhecerão o mundo segundo nossa visão, nosso desejo e vocação”.

O homem então gargalhou provocando arrepios mesmo nos bravos companheiros de batalha, algo que subia até a cabeça como um frenesi tenebroso. O homem virou então o amuleto e degolou a si próprio derramando seu sangue pagão sobre o mesmo artefato e caiu seu corpo sem vida junto ao objeto.

Henrique abaixou-se e pegou o amuleto para constatar que fora uma peça roubada anos atrás de um cardeal, Alexis Anor Zanini, e agora usada para rituais pagãos, verificou então o corpo e abaixou por completo o capuz iluminando seu rosto com as tochas que carregavam para perceber que era Rene de Hugolin, um membro pouco conhecido do Priorado de Sião, o dito que teria desaparecido após a excomunhão dos templários.

Perplexo, Henrique guardou o artefato o envolvendo num tecido e seguiram para o exterior daquele lugar quando ao observar o lugar algo não parecia se enclavinhar nos rincões de sua realidade. O famélico homem morto parecia ter lhes conduzido a um lugar

que não lhe era o que tinha se conduzido. Um lugar diferente quando então viram centenas de cavalheiros templários se aproximando. De onde viriam uma vez excomungados? O que antes era vantagem agora se tornou desvantagem tendo em vista que estavam cercados num templo que não era ruínas, mas fortificado por dezenas de templários.

- Quem são, e de onde vieram? – Indagou um dos templários ao vê-los e fazendo-os engolir a seco.

Naquele instante outro cavalheiro gritava para trazer os camponeses escolhidos a força para um ritual de sodomia e veneração a um demônio que se aparentava a um bode e era carregado abertamente diante de todos. Mais soldados apareceram e lhe renderam forçando-os a entregar suas armas, fosse o que fosse não estavam mais em seu mundo, mas um mundo vil perpetrado por templários cercado de bandeiras com suas cruzes, e com templos por toda parte, mas que ao invés de terem o sagrado Jesus Cristo, haviam imagens tenebrosas e medonhas vistas com vívido medo pelos homens de Henrique. Não haviam palavras para lhes definir pois o âmago daquele infortúnio de medo era confuso por demais para ser perdido em termos.

Foram então levados a uma masmorra o qual eram divididas em níveis que desciam até um fosso longo e largo como o próprio abismo do inferno, e nele estavam presos o clero do Vaticano e todo e qualquer homem ou mulher que ousasse falar palavras contra eles. Aquele lugar funesto tinha, em cada grau de andar, um nível dedicado a torturas igualmente inefáveis, os justos eram agora chamados de cães pela supernação templária.

Ao perguntar ao pobre homem macilento o que aconteceram com o mundo ficaram estarrecidos.

- Desde quando o rei Felipe, O Belo, fora morto numa emboscada supostamente por templários em 1299 eles estabeleceram seu próprio reinado cruel e de torpezas. – Repercutiu o homem pálido e esquálido e continuou. – Em poucos anos cresceram e derrubaram o Vaticano os submetendo a vontade deles. Agora, em 1319, toda Europa sucumbiu ao poder deles restando aos resistentes fugirem para uma terra distante. Todo conhecimento está sobre domínio templário, só há medo, miséria e morte, as famílias da Europa praticamente pouco existem como conhecidas.

Não acreditando em suas palavras, Henrique se apavorou tão profundamente que começou a gritar enquanto o homem agora dava de ombros como quem pouco se importasse, pois todos naquela masmorra estavam sepultados vivos. Henrique caiu ao chão e adormeceu quando então seus amigos lhe acordaram.

Acordando assustado, Henrique levantou-se arfando de medo, para completar ao redor e ver o corpo de Rene onde estava, empoçado de sangue.

- O que houve? O que houve? Onde estou?

- O senhor também teve esse pesadelo hediondo? – Indagou um dos homens de Henrique. –

- Sim, como sabem? – Indagou Henrique.

- Vimos a face mais funesta do inferno e ela nos olhou de volta. Será que fora apenas um pesadelo?

De certo Henrique jamais saberia ao certo, mas depois daquele dia ele nunca mais poria sua cabeça no travesseiro sem realizar suas preces antes.

www.gersonavillez.jimdo.com

O MEU EU ENGAIOLADO

Rosimeire Leal da Motta Piredda
Vila Velha - ES

Sentada diante da vida,
olho para dentro de mim:
estou, da cabeça a barriga, presa numa gaiola.
Pousados num poleiro, distantes um do outro,
há dois pombos brancos:
um, deseja escapar e o outro, permanecer cativo.
A mente, capturada pela insegurança.
Pensamentos querendo voar:
uma maneira de fugir de mim mesma.
Uso chapéu para encobrir a tristeza!
Uma bengala, para equilibrar-me.
Em uma das mãos, discretamente seguro uma pequena bolsa:
lembranças ocultas.
Consciente do que sou,
questiono-me frequentemente.
Analiso minhas atitudes e comportamentos.
Idealizo uma existência de significado mais amplo.
Mil e um sonhos, mas nunca os realizei.
Nenhuma evolução ou crescimento interior.
O meu eu engaiolado:
sem esperanças de que algum dia eu me torne
a pessoa que fui destinada a ser.
Sou e não sou.
Uma estranha habitando em meu corpo!
Tenho as chaves, entretanto, esqueci onde está.
Medo de viver!

http://www.rosimeiremotta.com.br/



O Navegante

Ludmila Pires

Belo Horizonte / MG

A embarcação navegava pela calmaria e grandeza do Oceano Atlântico, em direção as Ilhas caribenhas. *Esperanza* carregava aqueles que ansiavam por uma nova vida em outro continente. Uma esplêndida caravela espanhola, com velas largas e capacidade para 200 tripulantes. Uma rainha majestosa entre as águas. As pessoas que compunham sua tripulação estavam aptas ao chamado do capitão Ávila, um velho lobo do mar, para uma vida repleta de perigos e aventuras. Nada melhor para aspirantes à pirataria do que viver o sonho do Caribe. Bebida, dinheiro e mulheres. Saques e pilhagens por toda a parte. No Caribe, a palavra de ordem era: Liberdade.

Compartilhando da mesma alegria e da esperança, todos efetuavam suas atividades sem maiores inquietações. O vento soprava forte, mas não o bastante para amedrontar, inflando as velas e afagando os rostos vermelhos. O Sol, companheiro de viagem, propiciava um calor confortável e acalentava os mais risonhos. Ouviam-se apenas os ruídos do trabalho e as ondas do mar em encontro ao casco da embarcação. Isso era quase um silêncio. Na verdade, um silêncio aterrador, daqueles que precediam uma devastadora e mortal tormenta. Porém, naquele momento ninguém se preocupava muito com isso – tinham todo o tempo do mundo.

Não tardou até que o prelúdio de uma tempestade se anunciasse no horizonte. Uma tormenda sem aviso prévio. O céu, que há pouco era limpo e claro, tornou-se turvo e sombrio. Nuvens densas e escuras se aproximavam vagarosamente, vindas do Leste. As madeiras de *Esperanza* começaram a ranger, como se gritassem histericamente, pressentindo o perigo que pairava no ar. Nada era mais horrível do que o cheiro da morte presente – afinal, ela não tem cheiro algum.

Uma rajada de vento violenta e cortante inflou as velas, derrubou os objetos e desequilibrou alguns tripulantes perdidos. A caravela que antes reinava soberana transformou-se um reles brinquedo a balançar nas águas negras. As ondas atacavam o casco incessantemente, como uma turba medieval feroz a caçar uma bruxa a fim de joga-la na fogueira. Um redemoinho se abriu diante dos olhos atemorizados dos marujos, como uma colossal garganta demoníaca pronta para engolir a todos. A rapidez com que as águas gradualmente se moviam tornavam-no um pesadelo aquático.

O primeiro imediato, Juan, deu ordens aos berros com a intenção de organizar os tripulantes e evitar que a embarcação navegasse rumo ao seu fim. Em um misto de coragem e fé, disse àqueles homens que não aceitam a finitude e não abandonassem o navio até o seu último suspiro. Logo, o capitão Ávila saiu às pressas de sua cabine, mas não havia nada que poderia fazer frente ao imenso poder da Natureza. Não eram nada mais do que pobres ratos à deriva no mar, o fim era inexorável.

Tudo se tornou um breu. Nada mais poderia ser visto, nem mesmo em que lugar cada um se situava na caravela. Alguns artilheiros tentavam subir do deque ao convés, em vão. Não havia contra o quê lutar, o inimigo não era de carne e osso e nem estava viajando em um navio. De repente, ouviu-se um baque. O barco inteiro estremeceu. Vários marujos caíram nas águas profundas e negras. Alguns conseguiram se manter presos nas cordas, no mastro e nos corrimões. Mais e mais marujos gritavam horrorizados. Provavelmente, haviam batido em um recife. Ouvia-se claramente a água preenchendo as partes inferiores da embarcação e agora nada lhes restava além afundar lentamente em direção ao baú de *Davy Jones*, como era natural dos homens ao mencionarem o fundo do mar.

Eis que um clarão surgiu nas trevas. Foi possível, em um breve momento, distinguir algumas formas e objetos. Sucessivos clarões se iniciaram, até que se pôde avistar um navio holandês, um *fluyt*, navegando à distância, sem bandeira e sem cores, vindo em direção à *Esperanza*. Eram piratas, sem dúvidas. Estavam atracando ao lado da caravela. Lançaram cordas e pranchas de madeira. Seus marinheiros, homens robustos de todos os tipos e etnias, invadiram a embarcação em um piscar de olhos. Não havia em seus rostos nenhuma feição afável, nenhuma gota misericórdia em seus olhos. Eles eram a morte em pessoa. Aqueles eram os verdadeiros lobos do mar, predadores das águas.

Pouco a pouco, eles sacavam suas pistolas e atiravam, ou então cortavam o pescoço dos tripulantes como quem fatia um pedaço de pão. Outro clarão de luz revelou os contornos de alguém. Um trovão ressoou pelos ares. O capitão inimigo agora estava no convés e o pobre embarcação espanhola afundava aos poucos. O homem andou na direção do primeiro imediato, com passos firmes e portando um longo sorriso. Estendeu a mão. O corpo do capitão Ávila jazia ao lado de Juan, sem vida, afogado em uma poça de sangue. Juan logo compreendeu o chamado e o aceitou de prontidão. Seguiu o sombrio capitão em direção ao navio *holandês*, enquanto *Esperanza* dava seus últimos suspiros e abraçava a morte.

O navio invasor era uma embarcação enorme, um monstro marinho de velas negras e rasgadas. Já no tombadilho, Juan foi recepcionado por alguns homens e um deles lhe entregou um escovão. Aturdido, sentindo-se humilhado e rebaixado, pensou por alguns segundos em reclamar. Em vão. O carrasco, portando um longo chicote, já o havia atingindo e sob as gargalhadas espalhafatosas o ordenava que efetuasse a limpeza do convés. Era o início de um pesadelo que duraria um século, mas que seria sentido como uma eternidade. Fugir da morte para viver anos ainda como marujo talvez não fosse a melhor das escolhas, mas o mar era a sua casa, a sua vida e verdadeira paixão. Apressadamente ele começou a esfregar o chão, porém se deteve quando um par de enormes e desgastadas botas pretas interrompeu o seu caminho. O capitão dirigiu-se ao ex-primeiro imediato com um ar solene e, ao mesmo tempo, um tom zombeteiro em sua voz, típico daqueles que recepcionam os viajantes que adentram no circulo mais abissal o inferno:

- *Seja bem-vindo ao Holandês Voador*!

www.cafecomwhisky.com.br



O talento está no sangue

Helder Guastti-João Neiva/ES

Todas as manhãs o ritual se repetia. Levantava da cama, tomava o café da manhã e ia afinar as cordas do violão.

Espalhadas por todo o ambiente da diminuta casa, memórias de um tempo de grandiosidade e reconhecimento há muito esquecidos. Por vezes sentia que aquelas fotos estavam ali apenas para assombrá-lo, fazendo-o recordar de um tempo que nunca mais voltará. Toda a glória e sucesso que obteve percorrendo diversos estados junto a seus companheiros de banda, hoje são surreais. A única realização que tem é quando consegue receber cinquenta reais com suas apresentações ao ar livre...

Violão afinado. Chegou o momento de sair em busca do pão de cada dia.

A verdade é que não fazia isso pelo dinheiro. Até porque, diariamente, a quantia que conseguia adquirir fazendo suas apresentações em praças e calçadas, era mínima, só dava mesmo para comprar o essencial para sua sobrevivência.

Pedro Júnior foi integrante de uma banda de rock nos anos oitenta. Uma daquelas bandas que surgem em garagem, com amigos reunidos, cigarros acesos e cervejas geladas. Num golpe de sorte, Pedro e seus amigos de banda foram descobertos por uma grande gravadora. Lançaram vários discos, saíram em turnê, tinham videoclipes sendo exibidos constantemente na televisão, matérias em jornais e revistas e, para aqueles jovens, o que mais importava: muitas mulheres a seus pés.

Era incrível, nem Pedro ou seus companheiros poderiam ser vistos como grandes galãs, mas o sucesso era algo mágico. As mulheres pareciam se derreter a seus pés. Bastava subir ao palco e tocar um acorde de guitarra para elas ficarem ensandecidas e aparecerem depois dos shows nos bastidores.

Bons tempos...

Colocou o violão dentro da capa, o maço de cigarros dentro do jeans rasgado, o tênis de lona bastante gasto com alguns buracos e a sola meio frouxa, trancou a porta e saiu.

Sentiu o vento gelado cortar sua face. Acendeu um cigarro, a fim de desanuviar seus pensamentos e memórias e aquecer seu interior.

Andou alguns metros, indiferente a paisagem e pessoas a seu redor. O tempo passou, a dificuldade tornou-se uma constante em sua vida, o dinheiro acabou, a fama e o sucesso se extinguiram, mas a marra e o porte de artista haviam permanecido. Pedro tinha um ar *blasé,* adotava uma postura de superioridade. Algumas vezes, enquanto performava sobre um caixote ou sentado no meio fio parecia, aos olhos do público, que ele estava fazendo um favor a eles, que deviam agradecê-lo imensamente por estar ali, cantando e tocando para seus ouvidos inferiores, reles mortais. Talvez esta atitude seja uma das razões que fazem com que Pedro não receba muitas ofertas enquanto toca. Mas, honestamente, ele não se importa. É claro que os transeuntes, que não passam de criaturas banais, não conseguiriam compreender sua arte. Sua música era para poucos. Era obra divina.

Após meia hora sentado num caixote de verduras vazio que estava largado na entrada de um mercado, Pedro, de cabeça baixa dedilhando algumas notas em seu

violão, sentiu que estava sendo observado. Levantou os olhos levemente e notou uma presença austera em frente a si. Empertigou-se no caixote, adotando uma postura ereta e ares de soberano das artes, e começou a tocar freneticamente. Seus dedos deslizavam pelas cordas, produzindo notas e sons elaborados, seu corpo inteiro parecia mover-se em consonância àquela melodia. Em sua mente o universo ia tomando forma e cores, criando vida e exuberância. De olhos fechados, sentindo a música preencher seu vazio interior, Pedro, por um momento, sentiu sua espinha gelar.

Parou em meio a um acorde complexo. Abriu os olhos. A sombra da figura agigantou-se sobre si. Notou que a pessoa (era um homem ou uma mulher?) havia se aproximado mais dele e estava com a mão estendida.

— Companheiro; não sei se você é de fora ou veio do interior, mas, aqui na cidade, quem está se apresentando é que recebe uma oferta de quem está assistindo. Portanto, como eu estava aqui expondo minha alma artística e deixando todo meu talento mergulhar em sua audição banal, você é quem deve me pagar. Não adianta estender essa mão, a não ser que queira me dar os parabéns por ser um artista tão maravilhoso.

A criatura permaneceu estática, com a mão estendida.

— Escuta aqui, você não vai colaborar não? Tudo bem. Já era de se esperar que um sujeito tão estranho como você não saberia reconhecer um artista quando o encontrasse. Agora, vai ficar fazendo hora com a minha cara? Não tenho tempo para lidar com estupidez, saia da minha frente! – levantou-se abruptamente do caixote e acertou um tapa na mão da figura com sua mão direita.

Assim que tocou na mão daquela criatura, que até o momento não havia conseguido decifrar se era um homem ou uma mulher, Pedro Júnior sentiu seu corpo se retesar. Um frio subiu pela espinhal dorsal, um calafrio se fez notar em seu ventre, os pelos do braço e nuca se eriçaram. A visão escureceu.

— Mas que merda está acontecendo aqui? – balançava a cabeça feito um pêndulo, mas nada conseguia visualizar.

Passados alguns minutos de muita tremedeira e angústia, vislumbrou, com o canto esquerdo de seus olhos, um objeto. Aproximou-se relutante e sorrateiramente, mas, conforme se aproximava, notou a familiaridade do objeto e avançou a passos largos. Era seu violão.

Assim que pôs as mãos no violão o ambiente pareceu ganhar vida.

Refletores apontavam luzes sobre seu corpo. Notou que estava sobre um palco de piso escuro. Colocando as mãos por sobre os olhos, vislumbrou o grande público que o observava. E, como o narcisista que era, começou a tocar as melodias e músicas mais complexas que conhecia, passando os dedos por toda a estrutura do violão, emitindo sons excepcionais, balançando seu corpo envolto naquele rito de prazer e egocentrismo. O suor pingava de sua face.

Após o que considerou um grande ato, uma apresentação memorável que com certeza ficaria gravada eternamente na mente de todos ali presentes, Pedro parou de tocar, fazendo uma grande reverência para o público.

Esperando os aplausos e a ovação, levantou a cabeça, desconcertado. O ambiente parecia morto. Conferiu mais uma vez por sob a luz dos refletores se a audiência ainda estava presente... Todos estavam em silêncio.

— Continue! – ecoou uma voz. Não conseguiu distinguir de onde ela vinha. Parecia que vinha de dentro de seu cérebro.

- Não irei continuar seu bando de estú... – antes de terminar sua ofensa, seus





braços moveram-se involuntariamente e seus dedos começaram aquela dança frenética tão conhecida por ele. Estava tocando majestosamente, mas sem controle de suas ações.

De olhos arregalados e boquiaberto, Pedro Júnior tocou por horas. Seu corpo inteiro suava. Sua camisa estava colada a seu tronco. Seus pés doíam por ter permanecido em pé por tanto tempo. A coluna dava indícios de que necessitava de um descanso. Mas o pior de tudo eram seus dedos. Eles sangravam, calos e bolhas haviam se formado em suas mãos. O sangue escorria e misturava-se às cordas do violão que já estava respingado por suor e por sangue.

As lágrimas escorriam de seus olhos, indo ao encontro das gotas de suor e sangue que compunham aquela melodia irresistível.

Pedro fez o melhor show de sua vida.

Eternamente.

http://tempestadeinterior.blogspot.com



O vereador bem intencionado

Sonia Regina Rocha Rodrigues
Santos/SP

O vereador Otacílio era o homem das ideias. De moinhos de vento a árvores de poemas, ele defendia tudo que prometesse tornar esse um mundo ecológico. Que maravilha, um planeta onde a humanidade respeitasse as outras espécies, onde homens, bichos e plantas repartissem o espaço com harmonia...

Apesar das risadas dos outros edis, Otacílio ia já pelos vinte anos de carreira política quando seu amigo de infância foi eleito prefeito. Conhecido como “Justo” por sua retidão de caráter, o novo prefeito pediu ao amigo algumas sugestões.

- Escreva aí o que você acha que a cidade precisa, com detalhes. Vou estudar suas ideias.

Otacílio, entusiasmado, passou o fim de semana a escrever. Segunda-feira pela manhã, dez folhas meticulosamente datilografadas, contendo 50 de melhores ideias, foi entregue ao prefeito, que lhe prometeu aproveitar ao menos uma.

Otacílio aguardou, ansioso. Seu projeto de uso da energia solar era o mais promissor, pois a região era quente e ensolarada. Ele tinha esperança que suas sugestões sociais merecessem alguma atenção: jardins e hortas comunitárias, currículo profissionalizante onde alunos da periferia fossem engajados em atividades úteis ao bairro, os estagiários oferecendo atendimento gratuito de excelente qualidade como cabeleireiros, sapateiros, alfaiates, gráficos, melhorando a vida da população carente.

Pequenos empreendedores poderiam alavancar a economia local aproveitando o artesanato feito com folhas de bananeira e com a criação da indústria do lixo reciclado, paralelo ao projeto de postos de recolhimento do lixo tóxico: pilhas, lâmpadas fluorescentes, radiografias, remédios vencidos, aparelhos eletrônicos. E mais! A substituição das embalagens plásticas por vidros e sacolas de papel. Nos séculos em que a humanidade desconhecia o plástico, os animais marinhos...

Um tapa no ombro o acordou de seus devaneios. Era o prefeito, a comunicar que, inspirado pela postura ambientalista do amigo, mandara espalhar gatos pelos jardins da praia, uma maneira ecológica de combater os ratos.

O pobre vereador protestou, pálido. Os gatos transmitem doenças, iriam espantar os passarinhos e ele não escrevera nada sobre gatos em sua lista de propostas! Claro que não, a ideia fora mesmo do prefeito, mas... inspirado na visão de mundo de Otacílio.

- O que vou aproveitar de suas ideias são os girassóis.





Girassóis? O prefeito se afastou e Otacílio franziu a testa, perplexo. Aí lembrou-se: no ano anterior, voltando de férias na França, trouxera para o amigo uma réplica de um quadro de Van Gogh, comentara sobre a primavera em Provence e sobre os pequenos encantadores girassóis europeus, muito menores que os nossos. Os girassóis certamente não estavam entre as 50 ideias entregues ao Justo!

No dia seguinte, ao caminhar pela orla, Otacílio tropeçava nos gatos e reparou horrorizado em várias pessoas trazendo pratinhos com leite e comida para os bichanos. Enquanto isso, do bairro do Zé Menino até o bairro da Ponta da Praia, dúzias de jardineiros arrancavam lírios, margaridas e camélias, substituindo todas as flores por centenas de girassóis. Para completar o desastre, não faltou nem o jornalista, ao lado da câmera, focalizando o desditoso personagem desta história.

- Estamos aqui, caros telespectadores, com o autor da idéia de remodelação dos jardins de Santos, cartão postal de nossa cidade. O vereador Otacílio.

Em vão o coitado protestava. O jornalista insistia, implacável: "o próprio prefeito afirmou na edição matinal que a idéia dos girassóis é do companheiro de longa data, que também o inspirou no controle ecológico dos ratos."

Otacílio, suando profusamente, levou as mãos ao peito e sentou-se, cônscio de seu suicídio político. Nos meses seguintes o prefeito passava apressado pelo amigo, sempre a agradecer pela feliz lembrança dos girassóis a embelezar nossas praias. (e a engordar os ratos, pois quanto aos gatos...)

O prefeito, como a maioria dos políticos, sofria de miopia moral, era incapaz de perceber a consternação do amigo e as críticas fundamentadas dos munícipes.

Nem o prefeito nem Otacílio foram reeleitos. Até o final do mandato, o ingênuo Justo interpretava como elogios as exclamações "aí vai o homem dos gatos. " Já Otacílio abaixava os olhos e corava ao subir as escadarias da prefeitura e ser cumprimentado pelo apelido: *Doutor Jivago.*

http://soniareginarocharodrigues.blogspot.com.br/



Os mistérios do Doutor Nasser

Heráclito Júlio Carvalho dos Santos – Teresina/Piauí

Há tempos nos Caititus Doutor Nasser passava para lá e para cá com sua bata de pediatra e sua malinha com apetrechos de cientista. Dizia-se cientista para as pessoas:
- Bom dia, ele passou e cumprimentou Zé Mário que estava sentado no tamborete na porta de sua casa em uma Rua nos Caititus.
- Oba seu Nasser, como vão as coisas? Indagou o Zé Mário.
- Muito Bem.
Doutor Nasser caminhava pausadamente em direção a casa na qual vivia e, sem perceber, crianças o acompanhavam. Ele chegou em frente à sua casa, pegou o molho de chaves no seu bolso e abriu. Estava eu na porta de casa observando tudo.
- Você viu? Ele tem uma mala com facas, dessas de cirurgia, disse o pingolim para Marquinhos.
- Vamos lá ver, Marquinhos era a mais empolgada das crianças.
Doutor Nasser fechou a porta e uma luz vermelha foi acesa. Marquinho e Pingolim se acotovelavam para observar nas frestas da porta o que aquele estranho e auto proclamado cientista estava fazendo. Eu que prezo pela privacidade dos outros fui tanger os meninos como quem tange galinhas de volta para o terreiro:
- Ei saiam daí!
- Vem seu Borges, vem ver aqui, chamou o Marquinho fazendo sinal com as mãos.
Confesso que bateu uma curiosidade e fui lá ver o que estava acontecendo. Quando meti o olho em uma das frestas da porta percebi que Doutor Nasser caminhava para lá e para cá em uma espécie de impaciência coletiva.
- Chega pra lá, empurrou Marquinho ao Pingolim.
- Sai pra lá seu louco, dá espaço, respondeu o Pingolim.
Doutor Nasser percebeu o barulho e se dirigiu a porta para ver o que se tratava.
- Corre, Corre! Gritei e todos nós nos dispersamos para lados diferentes.
Ele abriu a porta lentamente, observou de um lado para o outro o que acontecia, franziu a testa como quem não entendia nada e fechou a porta novamente.
- Ei meninos, vão embora! Disse aos dois traquinos que insistiam em mexericar com a vida alheia.
Amanheceu no dia seguinte com um sol de queimar as costelas. Eu já havia levantado e tomado café e fui sentar no meu velho tamborete de couro de bode na porta de casa. Era aposentado, portanto, não tinha mais nada para fazer na vida. De repente, do nada, vi o Doutor Nasser sair de casa e trancar a porta. Era cedo da manhã. Com curiosidade dos infernos abordei o cientista para conversar:
- Bom dia Doutor!
- Bom dia Amâncio.
- Doutor, desculpa a pergunta, mas o que senhor tanto faz naquela casa ein?
Ele franziu a testa e não titubeou em responder:
- Estou desenvolvendo um robô do Sertão.
Não entendi nada e insisti:
- O que é um robô do Sertão?
- É um robô caboclo que vai acabar com os políticos de Teresina, ele vai ser todo de metal

e terá um chapéu de vaqueiro na cabeça, bom, agora tenho que ir, até mais! Ele se despediu e saiu vestido em sua bata e sua malinha a tiracolo.
Às dez horas estava eu sentado na porta quando um vendaval começou a acontecer nos Caititus. O vento foi tão forte que chegou a me cegar por alguns minutos. De repente percebi que a porta da casa do Doutor Nasser havia sido aberta pela ventania. Pingolim e Marquinhos correram lá para ver:
- Olha, a porta da casa do Nasser está aberta, vamos, decretou Marquinhos.
Eu novamente assumi atitude normativa em relação aos meninos e fui tanger os pirralhos como quem tange galinhas para voltar ao terreiro.

Quando entrei percebi que a casa tinha uma iluminação frágil, meio avermelhada. Eu e os meninos ficamos assustados com o que vimos.
- Olha! Apontou o Pingolim para um pedaço de braço exposto em uma parede.
Eram pedaços de corpos para todos os lados. Aquilo era assustador. De repente ouvi sirenes policiais entrando nos Caititus. As viaturas pararam em frente à porta. E policiais desceram. E desceram com armas em punho:
- Onde está o Doutor Nasser? Onde está o Doutor Nasser? Rosnava um policial.
- Ele saiu, eu respondi.
- Tem ideia de onde ele foi?
- Não, não tenho.
- Estamos com um mandado de prisão da justiça, ele foi condenado por mais de vinte assassinatos.
- Por favor, qualquer informação entre em contato com a polícia ok! Informou um dos policiais, e enfim, todos eles após averiguarem a casa saíram e foram embora nas viaturas.
Fui para casa. A porta havia dias estava aberta. Fiquei horrorizado com aquilo. Como o Doutor Nasser mentia daquela forma?
Cinco dias depois Zé Mário passava na porta da minha casa e falou a novidade:
- Ei Amâncio, você ficou sabendo?
- Não. Do quê?
- Doutor Nasser foi preso pro vários assassinatos.
- Foi mesmo?
De repente todos nos Caititus correm para fora de suas casas para ver. Uma carreata de viaturas, em uma delas a cabeça de Doutor Nasser estava exposta com um chapéu de vaqueiro no teto de um dos carros.
- Olhem aqui, vocês conviviam com um assassino e não sabiam disso. Fizemos a justiça.
A carreata passou e foi embora. Todos ficaram impressionados e cada morador foi voltando para suas casas e o Caititus ficou deserto.



Parque de diversões

Maya Rubinger
Belo Horizonte, MG

Vejo crianças brincando
Com seus presentes caros
Vejo crianças sofrendo
Nas frias e sujas calçadas
Vejo o pai que trabalha
No seu carro do ano
Vejo o pai que batalha
Pra pôr o pão na mesa
Vejo a mãe que vai ao shopping
E a que vai lavar e passar
Vejo a menina que namora
E a que se deixa comprar
Tenho casa com piscina?
Ou barraco com espaço para dois?
Tenho marido rico?
Ou um dono para me mandar?
O que tenho com certeza
É pena da minha raça
Que história temos para contar?
A de uma terra, ou melhor,
De uma maquete de circo
Onde eu recebo para te fazer rir
E você paga para me ver chorar…

https://www.facebook.com/memoriasdexawdoon/



Pensando, personificando

Moraes
Paulínia-SP



Penso
E só de pensar
Sinto
E só de sentir
Desejo
E só de desejar
Confundo
E só de confundir
Perco
E só de perder
Procuro
E só de procurar
Canso
E só de cansar
Insisto
E só de insistir
Tento
E só de tentar
Venço
E só de vencer
Penso
E só de pensar
Isso me pesa tanto…

desintelecto-puro.blogspot.com.br



Penélope

DRIZANA RIBEIRO – Salvador/BA

Amar no século XXI
É missão para apaixonado
Que sonha acordado
E dorme embriagado
Em goles de amor

Mas eu sei que o amor é imutável
Quem muda é o apaixonado
Que não luta com fervor
E quer sonhar com o canto do beija-flor

Ah, quem me dera viver no passado
Para sentir o cortejo do enamorado
Pretendente, rebuscado
Que canta em minha janela
E me traz leve rubor

Como na Odisseia de Homero
Sou Penélope e espero
20 anos pelo meu amor.
Com sabedoria teço um sudário
Para retardar os encantados pelo meu calor

Esperaria muito mais
Se fosse preciso
Para viver com um riso

- De covinhas
E olhares - de pedrinhas cintilantes em meu ser

Oh, amor, encordoe seu arco
E me liberte dos retratos
Que em meus braços acorrentam
Meu pequeno coração

O amor tem esses mimos
De esperar devagarinho
E arriscar pra se perder.
Posso até errar caminhos
Mas no final os meus pés
Me levarão até você

Ainda existe amor moderno
Daquele Monte Castelo
Que o Renato quis dizer
Só é preciso ser esperto:
- Tecer ao dia e não de noite
E esperar numa torre
O salvar cântico lhe chamar

E ele será bem diferente
Do que outrora muita gente
Desacreditou descontente ao perecer
Por não ter amor para colher

https://www.facebook.com/drizana.ribeiro



Picolés Bonsucesso

Cristina Bresser de Campos

Curitiba – PR

Fiuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu uiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii

Olha o picolé Bonsucesso, custa só dois reais!

Dois reais o picolé mais gostoso da temporada. Tem morango, limão, coco, abacaxi, uva, chocolate, manga, milho verde e baunilha.

Quem vai querer um picoléééééé?

Com licença, vizinha, deixa eu te falar: o Cardoso está me pedindo a quitinete de volta, sabe como é, eu atrasei o aluguel de novo...

Aí o Carlinho me emprestou esse carrinho de sorvete só hoje pra eu tentar descolar um troco e conseguir pagar uma parte, aí ele não me despeja da quitinete, tão boazinha, lá no centro.

Olha, eu não aguento mais ficar tocando essa flautinha, já até quebrei ela, olha só e vou ter que pagar outra pro Carlinho. O calor tá infernal e eu to de jeans aqui na areia, por favô me dá uma força aí vizinha...

Certo, vou comprar um picolé, tem de quê?

Tem morango, limão, coco, abacaxi, uva, chocolate, manga, milho verde e baunilha.

Me dá um de coco, então (vai saber que água eles usam pra fazer esse picolé? Nem é de marca conhecida, Kibon, Nestlé, Deus-o-livre!)

De coco acabou, vai um de milho verde?

Ah, não, eu detesto milho verde (vai comprar pra fazer caridade ou pra chupar o picolé? Pega qualquer um, oras).

Tem de chocolate? Me dá um de chocolate então!

Aqui, ó moço, o dinheiro.

Não tem trocado, vizinha? Só recebi nota grande hoje.

Pelo bolo de notas que sai do bolso dele, o aluguel tá pago até o fim do ano. Quem disse que marketing é assunto de bacana com diploma? Uma mentira bem contada nem precisa de português correto pra emplacar.

Nossa que sorvete ruim, parece que to chupando uma lata de nescau gelada!

Foi pra ajudar o rapaz ou pra engordar? Joga fora e não reclama.

Fiuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu uiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii

Olha o picolé Bonsucesso, custa só dois real!

Dois real o picolé mais gostoso da temporada. Tem morango, limão, coco, abacaxi, uva, chocolate, manga, milho verde e baunilha.

Quem vai querê um picoléééééé?

Moça, compra um picolé da gente por favô minha mãe pegou esse carrinho prá trabalhar pra poder sustenta a gente desde que meu pai largou ela e deixou a gente na mão.

Enquanto ela não vendê tudo hoje a gente não pode saí da praia e tá um calor dos

infernos.

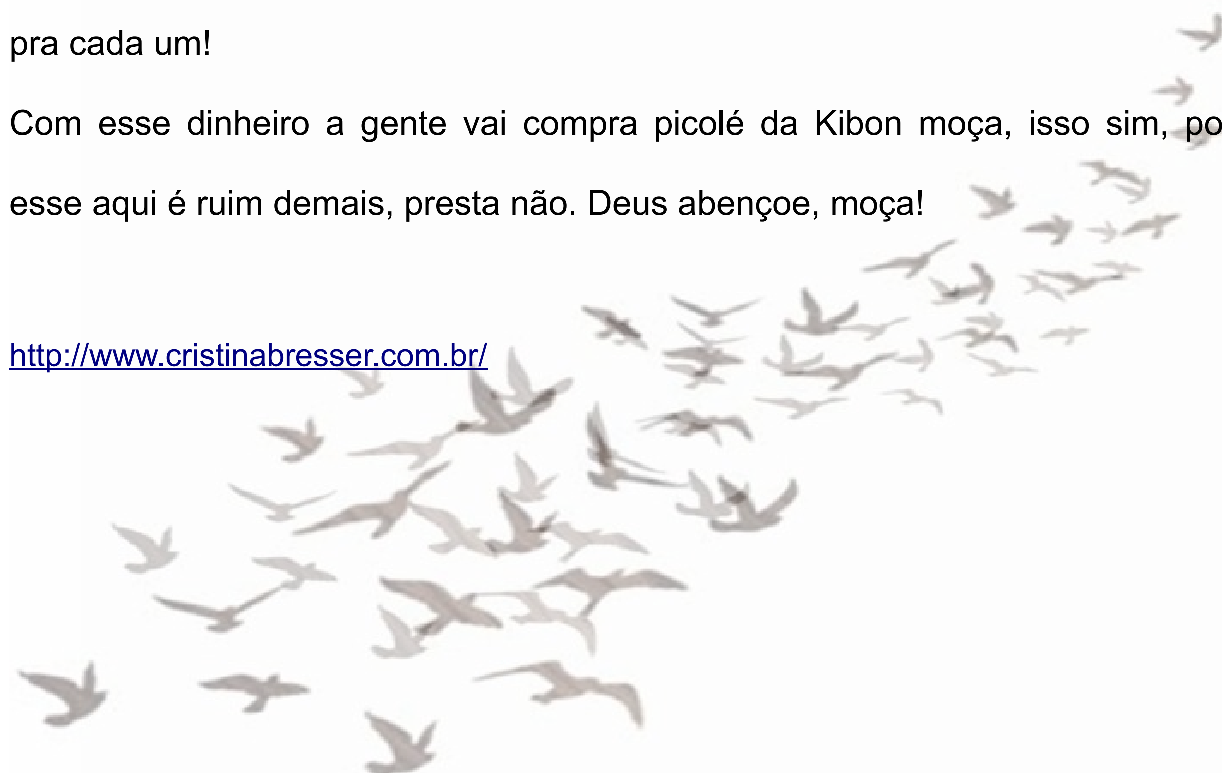
Não fala em inferno Francisco que o pastor briga e manda lavá a boca com sabão.

Desculpe maninha num conta pra ele não. Moça, vai comprá?

Não quero picolé, to de regime, mas toma aqui esse dinheiro e pega aí um picolé pra cada um!

Com esse dinheiro a gente vai compra picolé da Kibon moça, isso sim, porque esse aqui é ruim demais, presta não. Deus abençoe, moça!

http://www.cristinabresser.com.br/





PRIMEIRO BEIJO

Luísa Aranha – Rio Grande do Sul

Se eu pudesse fazer o mundo parar de girar, se eu tivesse o dom de mudar distâncias, se eu criasse a máquina do tempo ou se eu fosse capaz de congelar as horas, em qualquer uma dessas situações, eu me prenderia a esse sorriso. Eu não consigo olhar para os lados, meus olhos estão vidrados, em tudo que eu vejo é seu sorriso que enxergo. Tímido, doce, intenso, com os olhos que carregaram tanta paixão, tanta curiosidade e uma certa tristeza que não é sua.

E eu preciso desse sorriso, mais do que preciso de ar. Eu quero saber tudo sobre você. Suas dores, suas marcas, suas vitórias e derrotas. Quero entender de onde vem essa tristeza no olhar, de onde vem essa voracidade familiar, o que seu sorriso não me diz, mas sei que lá está.

Meus olhos encaram a teus lábios, e eu só quero sentir o gosto da doçura que neles vejo. No canto da sua boca, o lábio superior mais arqueado, eu imagino um gosto de pimenta. Minhas papilas gustativas se excitam com a possibilidade de uma mistura agridoce de sabores e sensações. Quente, frio, doce apimentado, úmido. Minha língua cria vida própria e umedece meus lábios, enquanto meus dentes a seguem nessa falta de controle e mordem. Você percebe. Será que me vê e me enxerga?

Não é só minha língua e meus dentes que me desobedecem. Meu olhos não conseguem desviar, minhas mãos começam a suar frio e meu corpo inteiro se ascende me deixando brilhante como uma noite estrelada. Seu sorriso tem malícia, não sei se você age por impulso ou pura diversão, mas o abre ainda mais, transformando todo o seu rosto em uma grande explosão de felicidade e eu vejo em seus olhos fogos de artifício multicoloridos e eu... eu só quero fotografar esse momento para sempre.

Eu procuro traduções, significados e sinônimos para tentar controlar meus impulsos que me levam a te devorar, mas eu só encontro a vontade de te beijar. Se existe um paraíso Deus o colocou no teu sorriso. Se há um pecado original ele é sua boca. Se existe inferno é a possibilidade de não ter teus lábios de encontro aos meus. Eu imagino a cena e você percebe. Percebe e se diverte com a minha agitação. Um calor toma conta do meu corpo e então fico completamente ruborizada, coberta de vergonhas que você despe lentamente com o olhar.

Eu sei que é só um jogo, mas eu só quero que termine em empate. Teu sorriso se apaga e seus lábios se contorcem. Será que entenderam o recado dos meus olhos? Você aproxima sua mão do meu rosto, desvio o olhar para baixo e você levanta meu queixo me fazendo encarar seus olhos. E quando nos encontramos em um olhar eu tenho a certeza que vou me arrepender por toda a vida por te beijar e eternamente se eu não provar teus lábios. Você afasta uma mecha de cabelo solto do meu rosto, acaricia minha face, e deslisa a tua mão para minha nuca. Meu corpo todo se arrepia, minhas pernas tremem e você me puxa. Aproxima a distância entre as nossas bocas e então eu sei. Minha vida começou naquele sorriso.

http://www.causoseprosas.com.br/



Quatro Histórias

Marcelo Almeyda
São Paulo/SP

Anoitecia, enquanto caminhava avenida à fora, no vai e vem frenético dos carros, Juliano pensava nas mil declarações que gostaria de fazer a Suzana. Amigos desde infância, aquele encontro a dois para um jantar íntimo era a oportunidade certa para declarar todo o sentimento que guardava desde pequerrucho. Elaborou mil vezes o mesmo discurso, repetindo para si todas as palavras decoradas meticulosamente. Ao chegar no encontro, comeram, dançaram e relembraram todos os momentos felizes que a primeira infância podia proporcionar. Ao fim da noite, ela embarcou num taxi e ele partiu em direção ao metrô. Ambos com a sensação de que ficara algo por esclarecer, mais uma vez todo o discurso que havia ensaiado minguou como a lua que timidamente sorria no céu e o acompanhava no caminho de volta.

Em outro canto da cidade, Clarisse já não tinha mais lágrimas para chorar o fim de seu romance com Caetano. Pegou o celular pela milésima vez, e observando todas as fotos e vídeos do casal, reviveu momentos mágicos, viajou à primeira vez em que se viram naquele quiosque de praia no fim do verão. Cantou baixinho a música preferida deles, e chorou mais um rio de lágrimas que ele, boêmio da noite não viu. Correu em meio a praça cheia de pessoas que aproveitavam a noite amena daquele rigoroso outono. Horas depois foi encontrada entre ratos e sacos de lixo num beco escuro qualquer depois de tentar falar com seu amado e mais uma vez ser jogada para escanteio. Voltou para casa amparada por estranhos, tomou um longo banho, vestiu uma de suas camisolas preferidas e tomou tranquilizantes o bastante para adormecer um búfalo. Morreu, sem dores e sem ressentimentos, partiu deixando-se levar pelo sentimento que ainda insistia em queimar dentro de si.

Enquanto nossos personagens pereciam de tristeza e melancolia, a noite de Claudio tinha tudo para ser especial. Naquele dia estava completando três meses de relacionamento com Maria e estava tão apaixonado que decidiu pedir sua mão em noivado. Escolheu um bom restaurante, mesa estratégica com vista para lua minguante que sorria no céu,

vinhos e até combinou com o garçom a deixa para fazer o pedido. Tudo estava perfeito e pronto, apenas esperando que a mulher de seus sonhos pudesse dizer “sim”.

Maria chegou vestindo um conjunto florido que realçava suas curvas de mulher e usando uma maquiagem básica, mas que deixava seus lábios atraentes e que combinavam com as unhas pintadas de vermelho escarlate. Radiante, foi conduzida para mesa onde Claudio usando um impecável blazer azul com jeans e camisa branca à aguardava. Tomaram champagne, saborearam o melhor da culinária francesa até que no clímax da festa o que era alegria se tornou tristeza. Ao pedir Maria em noivado, Claudio levou um sonoro “não”. Humilhando-se aos seus pés, pediu que reconsiderasse sua oferta, porém a moça fora taxativa em sua resposta. Saiu mais poderosa do que entrou, sob os olhares atentos e curiosos de todos à sua volta. Desolado, e agora sozinho Claudio pediu uma dose de uísque e continuou ali bebendo até que o restaurante ficasse completamente vazio.

Alheio a todos os acontecimentos e concentrado apenas em contar as estrelas que brilhavam como faróis, Rodrigo ouvia com atenção o silêncio da noite no interior. Grilos, corujas e pirilampos eram as principais atrações do vasto campo que fazia com que os olhos daquele moreno se perdessem. Voltou-se para si, organizando suas ideias e ajeitando o corpo sobre a rede. Entre um balanço e outro, viu o coração bater acelerado quando Rita avisara que estava chegando. Correu e trocou a camiseta puída por uma nova e parou em frente ao espelho para ver se não estava feio. Ao constatar o quão bonito era dirigiu-se para frente da casa onde morava sozinho esperando a mulher por quem morria de amores. Pouco antes de meia hora lá estava ela, cabelos presos por duas marias chiquinhas, olhar sedento de desejo e um vestido que seria facilmente arrancado por ele. Começaram por ali mesmo, bocas entrelaçadas, pernas nas pernas e mãos deslizando pelos corpos embrasados de desejo e vontade de se possuírem. As estrelas ao ver o movimento dos corpos se amando brilhavam mais iluminando todo o céu de Mato Adentro, transformando o horizonte em uma pintura jamais vista. Cansados de tanto amar, deitaram nus na rede e se acariciaram até que o sono chegasse, mas antes disso amaram-se mais uma vez fazendo com uma chuva de estrelas cadentes acontecesse.

https://www.facebook.com/historiascontosresenhas/

Querubim Quilombola

Leonardo Eduardo Dutra/ Macaé - Rio de Janeiro/RJ

Poder e autoridade, espada e balança, razão e coração, Deus e filho do homem. Certamente demorei décadas até analisar toda a similaridade de informações e conseguir concatenar as ideias, afim de reunir sobriamente as palavras e apresentar de forma lúdica para que me fizesse compreender entre os doutos.

Mas meu alvo, e o destino de minha essência, estavam sempre indo para lados opostos e fadados ao declínio. Então, em sua grande sabedoria o pai, me expulsou do berço onde nascera o egoísmo. Vertiginosamente em queda pude perder algumas palavras pelo caminho, verdadeiros rastros, poeira, que se fizeram estrelas e descrevem até hoje o trajeto que me leva para casa.

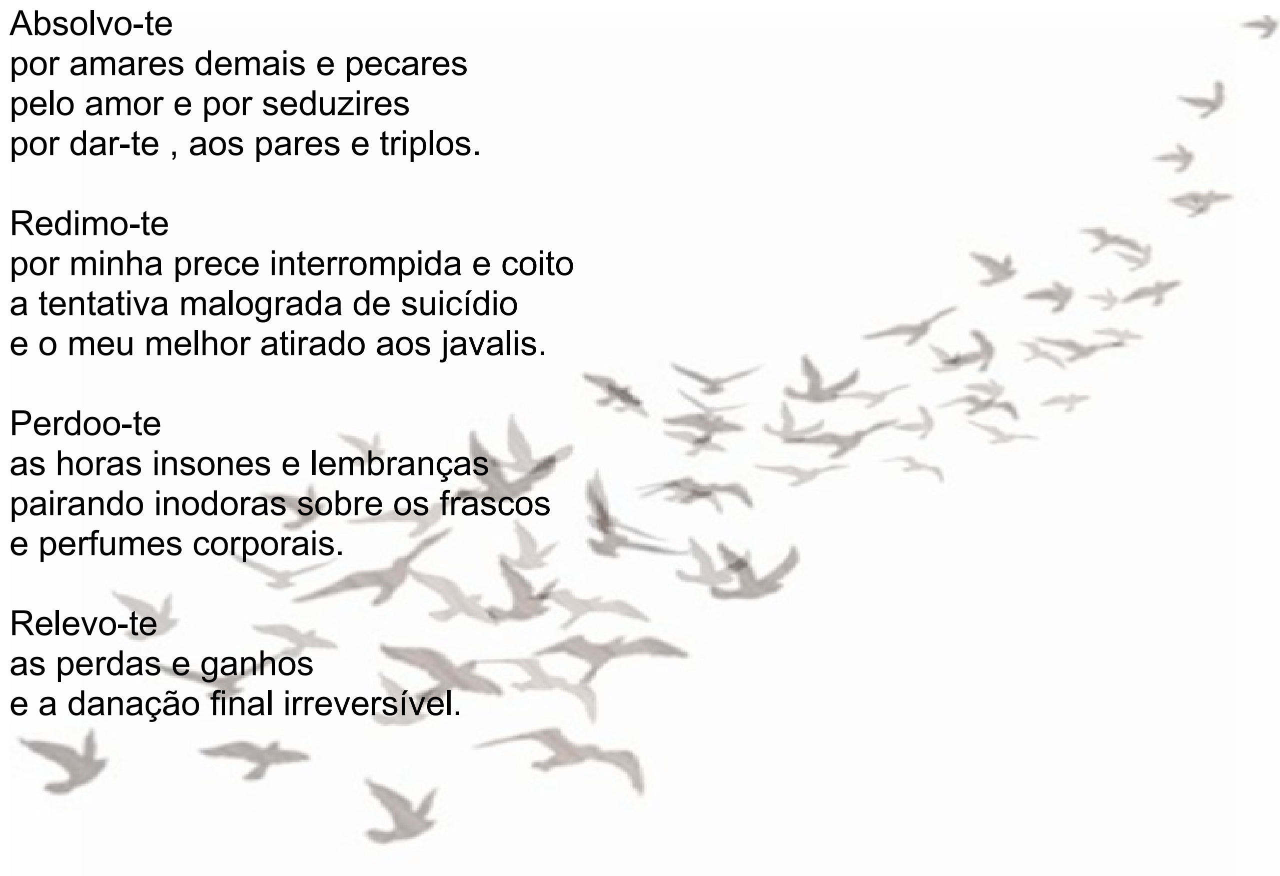
Nu, surdo e um pouco cego acordei entre os homens, envergonhado, esqueci minhas origens, aflito, abandonei o meu nome. Onde estás filho da Alva? Já nem sei, me fiz bicho, me fiz homem. Danço samba, Kuduro, bebo vinho quando tenho sede, rezo três Ave Marias, um Pai nosso e abomino tudo isso quando vou ao culto dominical.O que eu me tornei ? Cadê a ciranda? os maculelês? Tomo ayahuasca pra lembrar, danço, giro, coloco oferenda e bato cabeça pra saudar essa gente tão sofrida que só faz é chorar de alegria quando vê um boi pintadinho. Fumo charuto, como churrasco, compro bolacha e rebolo no mato tudo o que não presta. Bebo cerveja e grito Gol quando dá tudo errado.

Ah, meu Brasil! Certamente o céu Marxista não era o meu lugar.

http://www.facebook.com/profile.php?id=100009942850176

Remissão

Francisco Ferreira
Conceição do Mato Dentro (MG)



Absolvo-te
por amares demais e pecares
pelo amor e por seduzires
por dar-te , aos pares e triplos.

Redimo-te
por minha prece interrompida e coito
a tentativa malograda de suicídio
e o meu melhor atirado aos javalis.

Perdoo-te
as horas insones e lembranças
pairando inodoras sobre os frascos
e perfumes corporais.

Relevo-te
as perdas e ganhos
e a danação final irreversível.

http://impalpavelpoeiradaspalvras.blogspot.com.br/



Rio Doce

Marcos Santiago
Governador Valadares/MG

Permita-me apresentar:
Chamo-me Rio Doce, ou melhor, os outros é que assim me chamam.
Não sei se há algo de doce em mim, senão a várzea que enamoro.
Nasci no aconchego montanhoso de Minas Gerais, no encontro entre Do Carmo e Piranga.
Como menino inquieto, rompi a terra rumo ao Atlântico, iluminado pelo Espírito Santo.
Mato a sede de muita gente, de cidade em cidade. Essa é minha sina, e doravante arrisco rima, sou de dar alegria pra quem é de amizade.
Mas já me excedi, peço desculpas. É que o ressentimento me transbordou. Note que o tom amarronzado pode ser claustrofobia. Às vezes tenho saudades do tempo em que me espreguiçava pelas margens que hoje me sufocam (noite e dia).
Ando meio esgotado, se é que me entende. Carente de atenção dessa gente, que culpada ou inocente, faz minha alma assorear.
Trafego magro e melancólico, sem o reflexo cristalino de outrora. Até os peixes me deixaram como se em triste degola. Mas para os amigos, não vou lamuriar, ainda me resta - o resto - da mata ciliar.
Aos pés do Pico da Ibituruna sigo corrente, pelo caminho que bravamente construí. Guardo comigo os feitos de desbravadores que navegaram por aqui. E quando a chuva vem, minha rima melhora, minha cabeceira se alegra e me deleito como outrora.
Ainda vivo e vou cantando pelas terras que beijei. Se sou doce, isso já não sei.
Sei é que sou líquido da vida – tomara que bem vivida - na torneira dos que ouvem minha estória. E se ainda rego o sorriso de uma criança, isso me basta como memória.



Saudade

Diógenes Carvalho Veras
Rio Grande do Norte

Se um dia, de mim, sentires saudade,
sem que possas controlar a agitação
provocada pela tua profunda vontade
de me teres outra vez no coração,

é porque fui, com voraz intensidade,
o amor no qual a tua emoção
transformou em terna felicidade
a doce lembrança dessa paixão.

E se essa recordação é viva no tempo,
é porque não se acabou de verdade
o meu amor que tens no pensamento.

Como um sonho que para sempre
desfrutarás da saudosa realidade,
gravada em teu íntimo eternamente.



Sedent(ári)o

Guilherme Aniceto
Itajubá/MG

Tenho sede de coisas
que não são corpo,
que são alma.
Não faço flexões
para que o braço cresça,
faço reflexões
para que a mente expanda.
A minha cabeça ferve
e a minha verve explode.
O poema nasce, eu cresço.
E é por dentro
que me dói o crescimento.
O monstro
que sai da minha jaula
é a ignorância.

https://www.facebook.com/guilherme.aniceto



SEMPRE NATAL

Paulo Rogério Aires Martins

Mossoro-RN

Um instante
Um segundo
Um presente no mundo
Um pensamento...

Neste momento
Posso sonhar
Sorrir ou chorar
Posso até cantar

Realizar muito
Sem gastar nada
Com a delicadeza
De perdoar e amar

Com a gentileza
De abraçar e confraternizar
Celebrar o Natal de Jesus
É noite de luz...

Logo nascerá
Mais um instante
Mais um segundo
Pra gente neste mundo

E no futuro que será presente
Não seremos ausentes
Teremos sempre um Natal de luz
Em tempo permanente.

https://www.facebook.com/ paulorogerio.airesmartins

Soneto da Guerra

VK
Novo Hamburgo, RS

Faz tempo que a guerra não cessa
Tanto sangue, tantos gritos, tanto horror
Diante de tiros e explosões a humanidade regressa.
Sem cor, sem sabor, sem amor, a guerra
é o terror.

Pessoas que matam a sangue frio.

Pessoas cheias de raiva e ódio,

Trocam a flor pelo fuzil, preferem a arma ao brio.

Vivem para serem desconhecidos e

morrem para irem ao pódio.

Assassinatos por fama e dinheiro

Atos e fatos que desonram o mundo inteiro.

Só os mortos conhecem o fim da guerra,

todos viram alvo.

Fiéis à suas pátrias e bandeiras

Por gosto e com desgosto destroem

nações inteiras.

A guerra é a repulsa e o desprezo,

ninguém sai a salvo.



Súplicas da Solidão

Fausto Diniz - Belo Horizonte/MG

EAPOE !!! EAPOE !!! mande -me seu corvo

Pois dele eu vou precisar

Mande-me também a Minerva

Para que nos seus ombros, eu possa lamentar.

No calvário de meus desidérios, incessante eu vou clamar

Minha solitude eterna, no manto da escuridão

Em prantos vão transformar

Nas asas do corvo negro, no infinito irei morar.

Das montanhas tenebrosas ouço os ventos a sibilar

Das grotas profundas ouço os regatos a chorar

Sob as asas do corvo negro, incólume

Pairando na imensidão

Abominável que sou, sem forças para soerguer

Vislumbro no infinito o eterno anoitecer

Minha voz se calou ha muito, nas profundezas de minh'alma

Mudo estou sem mordaças para conter.

Vejo-me na solitude a cada instante enlouquecer

Ouço distante, bem distante, as ondas revoltas do mar

Nos rochedos negros violentas a quebrar

Já não tenho mais amores, para nos ombros me acalentar.

Meu tempo já se foi, incólume passado solitário me prostrou

Vejo nos meus pensamentos a lua cheia distante

Nas ondas perenes solitária a bailar

Foi se o encanto da mocidade, nos salões dourados a cantar.

Julgava me imortal,vencedor de mil procelas

Armadilhas que meu espírito, impiedosas subjugaram

Cansado e entorpecido, busco distante fragmentos de saudades

Que em suplícios infindos, atrozes se transformaram.

EAPOE !!! EAPOE !!!

Voltai com seu Corvo e sua Minerva

Não há mais sentido de ser

Morrerei só, minguando ao anoitecer

Esta pobre alma, nas profundezas do inferno

Simplesmente desaparecer..…



TERRA DE AIS

Robinson Silva Alves - Coaraci – BA

Em uma terra em guerra
Terra de dores e ais
A morte é a lei
Das ordens ditatoriais

Executadas por exércitos
Vis generais

Dobram lágrimas de sangue
Os sinos das catedrais
Por filhos que não verão
Seus pais

Que tombaram assassinados
No frio cais
Na busca da liberdade
Do distante sonho de paz

Silenciados pelos rifles
Dos ferozes animais

Intitulados homens
Seres racionais

As dores não serão esquecidas
Nunca mais
Todos os dias são iguais
Onde o sol da esperança
Não brilha jamais

O mundo assiste omisso a barbárie
Nos vários canais
Notícias sangram nos jornais

Homens matam homens
Seu povo

Seus iguais

Tanques causam destruição
De uma pátria em guerra
Em dor e devastação



Pássaros de aço
Lutam no céu
Explodem em fogo
Que queima o véu

Nesta terra de sombras
Homens viram bombas
Explodem sonhos e ilusões
Causam dores nos corações

O horror reina
O terror domina
O senhor da morte
Seu povo extermina

Uma nação grita
Um povo suplica
Acabem a guerra
Queremos paz.

https://pt-br.facebook.com/robinson.silvaalves.9



TEXTO E TEXTURA: OU TESSITURA INFERNAL

"SCHLEIDEN" NUNES PIMENTA
CAMPO BELO, MG

Era uma sexta-feira. Fazia três meses e eu podia ouvi-lo outra vez. Um som metálico, esse grunhido seco, a me lembrar uma gangorra enferrujada senão algum letreiro quebrado ao vento da madrugada. Não me atrevi, nunca me atrevi, a conferir os ponteiros do relógio; as horas, acaso fossem coincidentes, terminariam por me furtar o restante do sono. Esperava o barulho cessar, a insônia acabar, até que um dia decidi conferir. Inclusive ri da minha loucura; o caçador de pesadelos, o que vai atrás do barulho não sabido. Retirei o pijama, optei pelas botas, pela jaqueta e por um boné comprido.

Não há uma pessoa, uma só pessoa, que afirme verdadeiramente jamais ter cogitado, por um segundo que seja em toda a sua vida, o advento do sobrenatural. Por mais realista ou cético, além do ateísmo que me conforta, e que me valha meu nascimento na décima casa zodiacal... qual é!: não há pelo quê se envergonhar; a incompreensão gera esse medo, apreensão, ou dúvida, que seja. Estágio em que reina o dissabor da vida, em que o temor de tudo e de todos acaba por gerar uma falta de pelo quê viver. Uma fraqueza psíquica ou espiritual tamanha que um susto ínfimo poderia nos fazer virar pó ou derreter.

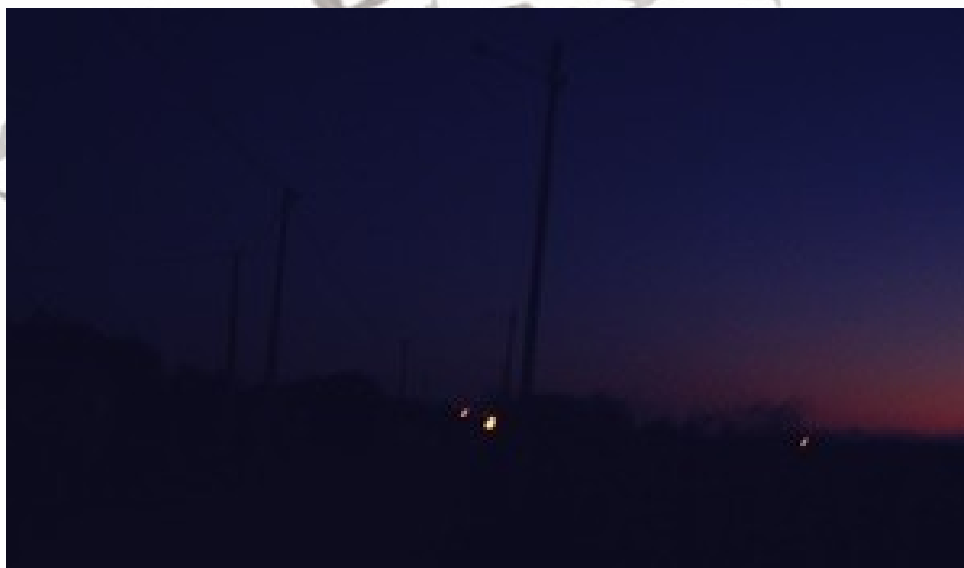
Também há uma sensação, um sonho, acho que todos têm, que visita meu sono vez e outra; demora voltar, mas volta, e quando volta simboliza a dúvida de perpetuá-la para compreendê-la ou de ligar a televisão para matá-la. Se for possível, que essa pessoa seja sortuda o suficiente para ter um outro alguém com quem conversar e se aliviar. Porque é inexplicável, é indescritível, é isto! É a sensação de que... dentre tudo, é a única sensação que não consegui e não consigo ainda descrever. Uma perda de energia tão abismal que poderia talvez ter sido sugada propositalmente. Controla-se a perda ou... eis o surto! O curioso é que, às vezes, o surto aparenta ser tão seduzente... tal qual aquele som de gangorra a arrepiar os dentes! O sobrenatural que parece flertar com a mente, com a gente.

Estava lá. Minha rua em reforma, aos postes mal-iluminados, aos bueiros meio abertos, às calçadas barrentas pois chuviscara. Mas, daquele dia, não passaria. Pela fresta da janela, da persiana, vi o centro da cidade do alto do quarto andar. Escuridão e noite, medo e imprevisão, além daquele som. À confiança da luz de um celular é que desci pelo elevador. O porteiro dormia, ou outra coisa; apertei eu mesmo o botão do portão externo e saí.

A brisa cortava. Pude ver minha própria expressão refletida nos vidros de um caminhão; esforçava-me para manter o mesmo semblante dos protagonistas de filmes de suspense ou de terror que, embora não saibam, não morrerão. Na esquina do quarteirão que dava para a praça avistei o parque público infantil. Havia alguma coisa, ou alguém, que se camuflava por entre as árvores e pelas barricadas de construção. Hesitei. Podia ser qualquer coisa, simplesmente. O som, razão da minha saída insana, já não existia; em algum momento parou, ou a minha apreensão o submeteu, mas definitivamente não sei em que instante deixei de ouvi-lo. Poderia estar ainda lá, zunindo apesar de não o

perceber, o que me fez refletir se aquele meu pesadelo não estivesse, afinal, acontecendo a todo tempo e eu que não estava percebendo; a vibração constante e torturantemente igual à da canção que o universo desde sempre toca; a textura macia e pesadíssima do ar e da tessitura dimensional que une o tempo e espaço... sem contar a gangorra de alguém.

Quando um estampido atrás de mim gelou minhas costelas, corri sem olhar para trás até me ver a socar as grades de entrada do meu prédio, culpando-me por não ter acordado antes o porteiro que ainda estava a dormir. Ofegante, como se algo houvesse se quebrado em meu cérebro, a adrenalina a queimar minha nuca, à garganta seca, sentei em minha cama incapaz de me mover, impossibilitado de me deitar, até que senti uma mão a se deslizar pelo meu braço esquerdo – a maciez! –, a apertar seus dedos nos meus ombros – a tessitura! –, a aproximar seus lábios do meu rosto, dar-me um beijo, e, abraçando-me, sussurrar: “Me lembre de falar de novo com o vizinho de cima, amor. O barulho dessa privada está infernal!”.



Trancado para Fora

Lucas Palhão - Santa Rita do Sapucaí/MG

“Droga, perdi as chaves”, pensei quando não as senti no meu bolso, já em frente ao meu prédio. *“Será que caíram no rio quando passei pela ponte?”*. A lua cheia brilhava forte no céu, o que ajudava um pouco na minha busca. Porém, atravessei a ponte de volta e nem sinal das chaves. Parei, então, no meio da travessia e fiquei olhando a água passando. Ela estava indo em direção ao mar – sua casa – e eu, aqui, trancado para fora da minha. O reflexo da lua ficava distorcido nas águas em movimento mas, ainda assim, era bem forte. Foi então que, próximo à margem esquerda, no fundo do rio, vi algo cintilante. Desci até a margem para ver mais de perto. Tomei coragem, ajoelhei na beirada e tentei alcançar, com o braço dentro do rio. Desequilibrei-me e caí dentro dele. A água gelada me fez perder o fôlego, entretanto, tratei de respirar fundo e me acalmar. Agora que eu já estava ali, encharcado, era só me abaixar e pegar o treco brilhante. Tirei-o do fundo e olhei de perto. Era um diamante. *“Droga”*, pensei enquanto o arremessava longe, *“pensei que fossem minhas chaves”*.

lucaspalhao.wordpress.com



Uma boa aula

Lenilson de Pontes Silva
Pedras de fogo- PB

Uma boa aula
Leva uma grande dedicação...
Horas e horas,
E mais horas lendo e relendo,
Horas namorando a página vizinha...
Hora entendo as entrelinhas
E hora elas mudam de traje,
Tem hora que elas viram as faces,
Mas sempre me dedico algumas horas
Para caminhar uma boa aula...

https://www.facebook.com/LenylsonSylva?fref=ts



Uma Estranha Leveza

Adnaldo Guimarães de Azevedo

Ibiassucê/BA

Vicente sentiu uma rajada de tristeza, quando olhou no canto direito da tela do monitor e viu que já eram dezessete horas e doze minutos daquela sexta-feira. Qualquer pessoa neste mundo ficaria alegre em saber que concluiu o dia de trabalho e que voltaria para casa. Mas Vicente não é qualquer pessoa. É um homem enigmático, estranho. O que dizer de um homem que ver no trabalho a única fuga da realidade? Ele chega até a dizer que só é feliz trabalhando.

Como fazia todos os dias, Vicente deu uma conferida nos arquivos, arrumou a sua mesa, desligou o computador, fechou a porta da sua pequena sala no setor de contabilidade da prefeitura e saiu. Caminhou em direção à sua casa. Quinze minutos de caminhada. Deixava o carro na garagem, pois pensava que aquela caminhada lhe fazia bem. Na verdade, não utilizava o carro porque gostava de atrasar o máximo a chegada em casa. Não sabia explicar o motivo, mas a cada passo que dava em direção à sua casa a tristeza aumentava. Não sabia o que lhe prendia àquele lugar. A esposa havia ido embora há quatro anos. Não mandou ir, mas, também, não pediu para ficar. Ficou mal uns dias, pois gostava muito da filha que preferiu ir com a mãe. Não pode dizer que a mulher não fez falta, já que pelo menos da casa ela cuidava bem. Logo acostumou e sentiu até um pouco de alívio. Não ia mais precisar ouvir todos os dias que ele só pensava em trabalho, que era frio, que não amava ninguém, que ia acabar ficando sozinho. Ficou mesmo.

Fisicamente, Vicente tinha muita saúde. Com 48 anos, não podia ficar sem sexo. O que não era difícil. Tinha as suas amizades coloridas, como costumava dizer. Quando esses contatos falhavam, contratava as meninas que ofereciam prazeres *delivery*. Mas depois do sexo, sentia uma espécie de ressaca, um arrependimento, uma angústia inexplicável. Não tinha nada que sentir aquele remorso, afinal, era solteiro, mas sentia. O

que era para ser um alívio gerava mais dor, mais sofrimento. Como um alcoólatra que diz que nunca mais vai beber, dizia que não faria mais sexo sem amor, porém, dias depois, tudo se repetia.

Naquele fim de tarde, Vicente chegou à sua casa e, como fazia todos os dias, tirou os sapatos, abriu portas e janelas e sentou na mesma cadeira que ficava na varanda. Antes de sentar, passou pela sala e pegou um livro na estante. Dessa vez, “O Guardador de Rebanhos”, de Fernando Pessoa. Assim que sentou, abriu em uma página qualquer, leu um poema e começou a refletir sobre o mesmo. O “eu lírico” parecia tão triste quanto ele.

Não dar para dizer há quantos minutos Vicente pensava nos versos de Pessoa, talvez quinze ou vinte, quando um carro foi estacionado exatamente em frente à sua varanda. Ele esqueceu o poema e ficou olhando para o carro cujos vidros eram escuros. Impossível saber quem estava dentro. Segundos depois, saiu uma mulher. Vicente ficou paralisado, mudo. Nunca vira uma mulher tão linda. Tinha aproximadamente 35 anos. Era de uma beleza que nem o poeta mais inspirado do mundo conseguiria descrevê-la, mesmo porque não há recursos de linguagem para tal descrição. Caminhou em direção a Vicente e disse:

- Boa tarde! Estou procurando por uma tia que mora nessa rua. O nome dela é Irani.

Vicente não conseguiu falar. Estava paralisado. Simplesmente apontou a casa da frente. A mulher sorriu, falou “obrigada” e caminhou em direção à casa. Enquanto ela atravessava a rua, Vicente saiu do seu estado de choque e ficou olhando. Até o seu jeito de caminhar era especial, o seu corpo parecia o de uma morena que fazia propaganda de uma marca de cerveja na televisão. Vicente estava apaixonado, acreditando no amor à primeira vista. Porém, muito envergonhado por ter ficado naquele estado. Será que ela havia percebido? É evidente que percebeu! O que estaria pensando dele? Poderia ter sido simpático, ter passado uma boa impressão, pois pressentia que havia encontrado o amor da sua vida.

A mulher entrou na casa da tia. Vicente ficou sentado onde estava; pensando que uma hora ela haveria de sair. Seria a oportunidade de puxar conversa. Corrigir a má

impressão que havia passado. Ficou esperando. Esqueceu os poemas de Pessoa. Na sua cabeça só havia espaço para aquela divindade que nem conhecia ainda.

A noite chegou. Vicente ficou esperando. Não sentia frio, não sentia fome. Estava amando. O tempo foi passando e a ansiedade crescendo. Ela haveria de sair, para guardar o carro ou para ir embora. Afinal havia entrado na casa da tia somente com a roupa do corpo. E que roupa! Um vestido curto, tecido macio que realçava coxas, peitos e bumbum. Ela teria que voltar. Mesmo que o carro fosse passar a noite na rua, teria que pegar alguma coisa nele. Talvez uma escova de dente, roupa de dormir. Ele ia esperar o tempo que fosse preciso.

E esperou. Sofreu. Já eram quase vinte e duas horas, quando a porta da casa em frente se abriu. Dela saiu a morena. Para Vicente, ainda mais linda do que havia entrado, apesar de estar com a mesma roupa, os mesmos cabelos soltos, o mesmo sorriso. Ele levantou-se da cadeira. Ia falar. Precisava falar, tinha que procurar alguma conversa. Mais uma vez, nada saiu. Estava travado, não conseguiu abrir a boca. Ela olhou para ele, balançou a cabeça de modo afirmativo, cumprimento típico de alguém que quer ser simpático com um desconhecido qualquer, abriu a porta do carro, pegou uma maleta vermelha, fechou o carro, atravessou a rua e entrou na casa da tia.

Mesmo sabendo que a moça não sairia mais naquela noite, Vicente sentou e ficou ali por mais um tempo. Olhava para o carro e imaginava dentro dele com a sua dona. Já estava apaixonado até pelo carro dela. Não pela marca ou modelo, mesmo porque na sua garagem havia um muito mais caro e mais confortável. Era pelo fato de ser dela.

Finalmente, Vicente entrou. Precisava tomar banho, comer alguma coisa. Foi até a cozinha e encontrou uma garrafa de vinho. Há tempo não bebia, mas naquela noite precisava beber. Abriu a garrafa e bebeu no gargalho, quase metade do vinho. Sentiu tontura e alegria. Foi até o banheiro, ficou um tempo embaixo do chuveiro, nem se lavou direito, pois se sentia como um adolescente apaixonado. Enquanto enxugava, olhou no espelho embaçado. Viu outro homem, alguém que não conhecia, mas gostou.

Não conseguiu dormir. Aquela mulher estava ali o tempo todo. Nunca vira noite tão grande. Levantou às quatro da manhã. Tinha medo de a moça ir embora muito cedo, se isso acontecesse, ele poderia não vê-la nunca mais. Não poderia correr esse risco. Às

quatro horas e quinze minutos, já estava na varanda, com um livro nas mãos. O livro era somente para disfarçar, que naquele estado, ele não conseguia concentrar em nada. Assim, ficou por quase cinco horas. Não se levantou nem para ir ao banheiro.

Por volta das nove horas, outro carro foi estacionado logo atrás do carro da morena. O coração de Vicente começou a borbulhar. Quem seria? Marido? Namorado? Mas desceu uma mulher. Dessa vez, feia, mais velha. Vicente parou de olhar para ela quando ouviu o barulho do portão da casa em frente se abrindo. A sua divindade estava saindo. Mais linda do que no dia anterior. Ela caminhou em direção à mulher que havia chegado, abraçou-a e beijou-a na boca, deixando transparecer algo bem maior que uma paixão, mas sim amor, ternura. Vicente não sabe o porquê, mas naquele momento sentiu uma estranha leveza.

www.facebook.com/adnaldo.guimaraesdeazevedo



Viver a minha vida

Carlos Costa
Leme/SP

Viver a minha vida
A minha verdade
Jamais viver na falsidade
Só para agradar
Aqueles que não estarão
do meu lado
Quando eu precisar
Pois é, não da pra saber quem estará
Quem permanecerá, até o fim
Quem vai dizer sim quando o Mundo desabar
E você sabe esse momento chegará
Ninguém pode escapar, não adianta se enganar
Muito menos trapacear, arregar, dar pra traz
A única frase que vai sobrar é a que diz aqui jaz
Então olhe ao seu redor
Escolha melhor, de valor ao seu suor
Não engane a si mesmo
Carregue o peso de ser verdadeiro
Como aquele grande homem carregou a cruz
Eu sei que uma porção de likes seduz
Status, faminha, comentários na fotinha
Interesse na imagem, apenas
Ninguém quer saber dos seus problemas, dilemas
Do seu dia-a-dia, da sua correria, se mata ou não um leão por dia
Por isso eu prefiro
Viver a minha vida
A minha verdade
Jamais viver na falsidade
Só para agradar
Aqueles que não estarão
do meu lado
Quando eu precisar

www.poeticamente.com.br



Innovation 2017

A Casa Brasil de Liechtenstein convida para o evento literário Innovation Liechtenstein 2017 Exposição de Literatura Internacional!
Alexandra Magalhães Zeiner, escritora brasileira e Embaixadora da Paz na Alemanha, aceitou nosso convite e assume a curadoria do evento, sendo apoiada por instituições nacionais e internacionais, que garantirão a presença de escritores & editoras de várias partes do mundo.
A partir de janeiro enviaremos os formulários de inscrição para os(as) interessados(as) em fazer parte desta festa literária no coração da Europa.
Desde já garanta sua vaga enviando um email para: CBInnovationLiteratur@gmail.com
Direção Geral: Arq. Denise da Cruz
Realização: Casa Brasil de Liechtenstein

Saiba mais em: https://www.facebook.com/casabrasil.li/









INNOVATION Liechtenstein 2017
1° Exposição de Literatura Internacional

INNOVATION Liechtenstein 2017
I. Internationale Literaturaustellung

Curadora: Alexandra Magalhães Zeiner

E-mail info: CBInnovationLiteratur@gmail.com

Curadora: Alexandra Magalhães
Direção Geral: Arq. Denise da Cruz
Realização: Casa Brasil



Plataforma Mulheres Audiovisual

Conheçam a plataforma criada para mostrar o trabalho das mulheres brasileiras no setor audiovisual.

O objetivo do "Mulheres Audiovisual" é reunir informações e conteúdos artísticos desenvolvidos por mulheres de forma democrática e inclusiva.

O site oferece um espaço para cadastramento de Portfólio Artístico para quem busca oportunidades de trabalho; também aceitando anúncios de vagas.

Um dos grandes diferenciais da plataforma é o "Mulheres Flix", inspirada nos canais de streaming estilo "Netflix", onde podem ser cadastradas vários tipos de obras (filmes, documentários, séries, propagandas, vídeo clipe, podcast, web séries, músicas, livros, artigos científicos) produzidas ou escritas ou dirigidas ou protagonizadas por MULHERES.

Acesse, participe e apoie a arte feminina brasileira

http://www.mulheresaudiovisual.com.br/inicio



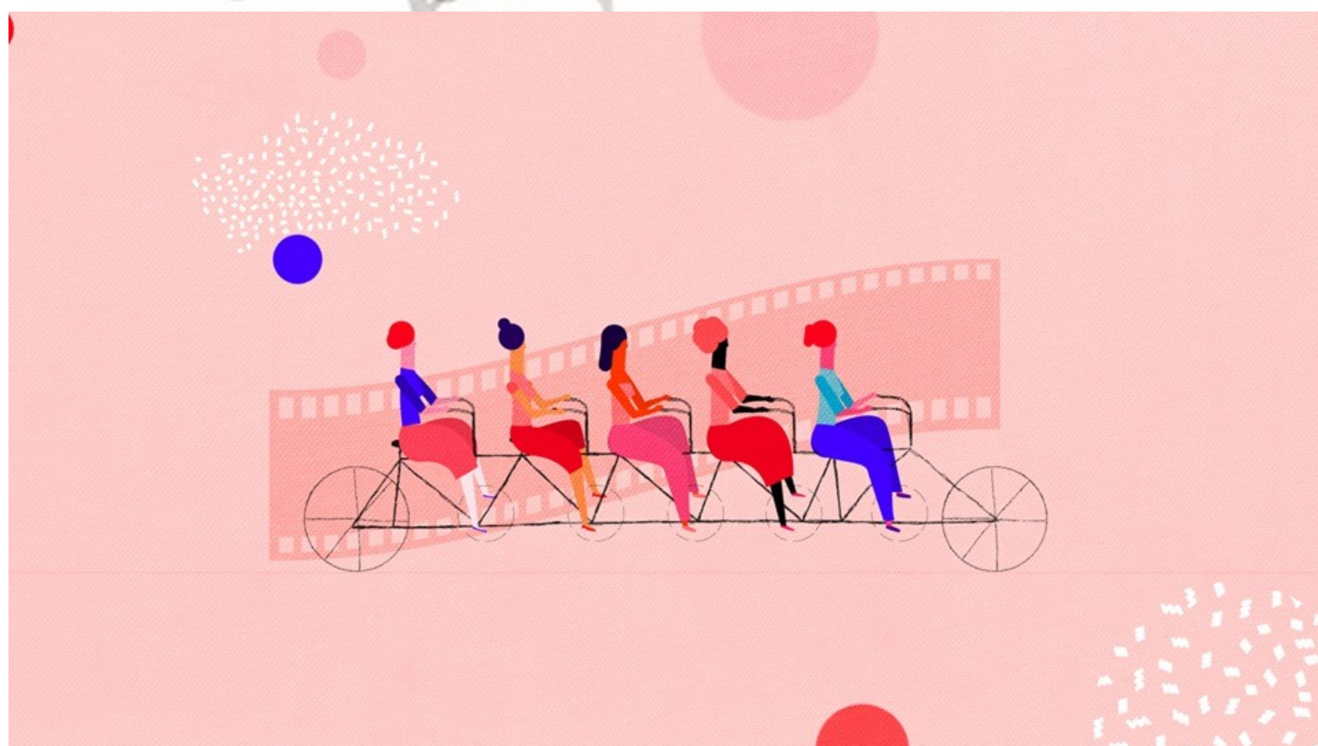
Inscrição para Mulheres Flix

Dúvidas entre em contato pelo email: mulheresaudiovisual@mulheresaudiovisual.com.br

Se não for enviar nenhum material para o acervo e quer receber informações sobre o lançamento do canal. utilize este link https://goo.gl/DDEHiR .E cadastre seu email.

*Obrigatório

Este formulário tem como objetivo o cadastro de obras (filmes, documentários, séries, propagandas, vídeo clipe, podcast, web séries, músicas, livros, artigos científicos), aceitaremos as obras que foram produzidas ou escritas ou dirigidas ou protagonizadas por MULHERES. Para que seu material entre para o acervo do site é necessário que você possua o link deste material. Não iremos nos apropriar de seu conteúdo, portanto você deverá ter um link próprio na internet. Estando disponível o material online + o preenchimento deste formulário iremos divulgar seu material no acervo do site Mulheres Audiovisual. Você autoriza ter sua obra divulgada pelo site Mulheres Audiovisual? *





Se gostou de nossa 1ª edição venha participar da próxima!!

O prazo é 20/02.

Os textos enviados fora dos prazos serão reservados para seleções posteriores.

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.


Revista LiteraLivre